



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

FÁBIO DANIEL MOTA FRECHES

A vulnerabilidade do corpo

Uma leitura a partir da obra de Jean Vanier

**Dissertação de mestrado integrado sob orientação
de:**

Prof. Doutor António Manuel Alves Martins

Lisboa

2017

“Devo dizer que a minha vida na “Arca” me transformou. Quando fundei a Arca, fi-lo para ser bom e fazer bem as pessoas portadoras de deficiência mental. Não sabia o quanto bem iam a fazer-me essas pessoas! Em certa ocasião disse-me um bispo: As comunidades da Arca foram uma revolução copernicana: até agora, dizíamos que devíamos fazer bem aos pobres. Mas agora vocês dizem que são os pobres que nos fazem bem a nós. Na verdade, as pessoas a quem curamos curam-nos a nós, mesmo sem estarem conscientes disso. Chama-nos a amar e a despertar dentro de nós o mais precioso que há: a compaixão”.

(Jean Vanier)

RESUMO

Numa sociedade competitiva onde impera a cultura da produtividade e do lucro, que lugar têm as pessoas portadoras de deficiência mental?

É a esta pergunta que procuramos responder, na presente dissertação, ao contributo de Jean Vanier em redescobrir o valor, o dom, o tesouro que são os mais marginalizados para a sociedade e como, ao contrário dos paradigmas sociais, através do seu corpo ferido, chagado e desfigurado podem revelar à humanidade a sua verdade dimensão humana essencial. Corpo ferido que ao ser tocado, pode transformar aquele que o toca e aquele que é tocado. Apresentar o corpo ferido e vulnerável das pessoas portadoras de deficiência como lugar físico e teológico que nos abre aos outros e nos revela o rosto de Deus escondido nos mais frágeis e vulneráveis.

Palavras-chave: corpo ferido; pessoas portadoras de deficiência mental; ministério da fragilidade; Deus oculto na fragilidade; Jean Vanier.

ABSTRACT

In a competitive society where the culture of productivity and profit prevails, how do the mentally handicapped fit in?

It is our main goal, in this dissertation, to provide answers to this question.

The contribution of Jean Vanier in refinding the value, the gift, the treasure of those who are marginalized by society and that, unlike the social paradigmas, through their wounded, suffered and desfigured body may reveal to mankind the true human dimension. Wounded body that by being reached can transform either the one who reaches as well as the recheable.

To present the wounded and vulnerable body of those who are mentally handicapped as a physical and theological place opens our minds to others and revals us the hidden face of God amongst the most fragile and vulnerable human beings.

Key words: wounded body; mentally handicapped people; fragility ministry; God hidden in fragility; Jean Vanier.

INTRODUÇÃO

A nossa sociedade perante a diferença fica em choque, não sabe como lidar. Quando alguém se depara com uma pessoa portadora de deficiência a pergunta que surge é: Que fez ela para merecer tal castigo? É a mesma pergunta que os discípulos fizeram a Jesus quando passam por um homem cego.

“Ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença. Os seus discípulos perguntaram-lhe, então: «Rabi, quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele, ou os seus pais?» Jesus respondeu: «Nem pecou ele, nem os seus pais, mas isto aconteceu para nele se manifestarem as obras de Deus»¹.

Esta foi também a nossa reação quando, pela primeira vez, entrámos em contacto com o mundo da deficiência mental. Ao cruzar as portas de uma instituição que acolhe pessoas portadoras de deficiência mental a nossa primeira reação foi de medo, de repulsa e de desorientação. Mas com o passar dos dias fomos tomando consciência de que elas são pessoas como nós e que também para elas, por elas e através delas Deus encarnou e assumiu a nossa natureza humana e frágil.

Foi esta descoberta que nos impeliu a optar por um trabalho onde fosse abordada a questão de como as pessoas mais fragilizadas e vulneráveis, através da sua linguagem própria e do seu corpo nos revelam a nossa própria humanidade e rosto de Deus.

Chegámos ao conhecimento das comunidades da Arca através de Henri Nouwen, no seu livro intitulado “*Adam – o Amado de Deus*”, no qual nos relata a sua experiência numa das comunidades da Arca e como a sua vida se transformou após tal experiência.

¹ Jo 9 1-3.

Importa dizer que o nosso autor escreve em duas línguas o francês e o inglês. Como nós não dominamos essas línguas optamos por, na medida do possível, utilizar as traduções que existem em português e espanhol. Pelo que foi necessário aguardar que tais livros nos chegassem do Brasil e de Espanha o que também levou a que a nossa tese se atrasasse.

Em Portugal não existem comunidade da Arca, apenas existe o movimento *Fé e Luz* por isso sentimos a necessidade de fazer uma breve apresentação da sua biografia, de como surgiram as comunidades da Arca, o significado do nome Arca e o que elas são e pretendem ser. Temas que abordaremos no primeiro capítulo do nosso trabalho.

O segundo capítulo da nossa dissertação será dividido em duas partes. A primeira onde iremos abordar algumas causas, apontadas por Jean Vanier, que levam ao surgimento da ferida relacional. Causas estas que são válidas tanto para as pessoas vulneráveis como para as pessoas fortes.

Na segunda parte iremos apresentar o modo de como o corpo ferido da pessoa frágil e vulnerável, o copo da pessoa portadora de deficiência mental, ajuda os fortes a derrubar os muros que construíram em torno do coração, tornando-os mais humanos. Iremos também mostrar de que forma as pessoas marcadas pela fragilidade são uma revelação do rosto amoroso de Deus e como nos conduzem até Ele.

Com este trabalho, pretendemos ajudar a redescobrir o dom e a importância que são as pessoas feridas, e o modo como elas nos revelam o Jesus. Como diz Jean Vanier:

“Descobrimo a beleza, o dom, a importância que são as pessoas feridas e vulneráveis, sendo que tal só é possível quando reconhecemos a nossa humanidade comum. Viver com os mais frágeis, humilhados, empurrados para as margens da sociedade é viver nesta casa de Deus. É viver com Jesus. Nós descobrimos cada vez mais que aqueles que são

rejeitados pela sociedade por causa de sua fraqueza e da sua aparente inutilidade são realmente uma presença de Deus”².

² Vanier, Jean. *Les signes des temps à la lumière de Vatican II*. Paris: Éditions Albin Michel, 2012, 152.

I. CAPÍTULO

JEAN VANIER, VIDA E OBRA

Antes de entrarmos no tema propriamente dito queremos, num primeiro momento fazer referência ao nosso autor e à sua obra. Com efeito é graças ao seu trabalho e à sua obra que optamos por desenvolver este tema.

1.1. Jean Vanier

1.1.1 Infância

Jean Vanier nasceu na Suíça no dia 10 de setembro de 1928, filho de pais canadenses, George e Pauline Vanier. Quando em 1914 eclode a primeira grande guerra, o seu pai exercia a profissão de advogado e a sua mãe tornava-se enfermeira num hospital militar. Com a primeira grande guerra a decorrer, George Vanier participa na organização da primeira unidade de voluntários Franco-Canadenses. Após ter ajudado nessa organização, George Vanier parte com eles para o campo de batalha, onde irá ser ferido e, como consequência desse ferimento, ser-lhe-á amputada a perna direita pelo que não poderá voltar a combater.

Com esta limitação George Vanier regressa como oficial respeitado e condecorado no Canadá, onde irá conhecer Pauline. Esta, após um relacionamento falhado, tinha decidido ingressar num convento, mas em breve mudará a sua forma de pensar e a sua vida tomará um novo rumo. Na verdade, quando os destinos de George Vanier e Pauline se cruzam, descobrem-se intimamente unidos no espírito, no amor a

Deus, no serviço e na verdade. Tal descoberta culminará na sua união através dos vínculos sagrados do matrimônio, em 1921³.

Desta união sagrada nasceram cinco filhos, sendo o quarto o nosso autor. Jean Vanier nasce no seio de uma família que frequentava os círculos diplomáticos, onde era bem-vista e bastante reconhecida, mas também nasce numa família onde a oração tinha um lugar especial. Jean Vanier diz-nos que seus pais, apesar das inúmeras ocupações, todos os dias passavam uma hora em oração silenciosa, pelo que podemos dizer que Jean Vanier nasceu no seio de uma família bastante católica⁴.

Em 1930, seu pai foi nomeado ministro do Canadá em França (posição diplomática mais elevada). Em consequência tem de se mudar para França e leva a família consigo. A estadia em França não será por muito tempo, devido às invasões do exército nazi. Jean Vanier fala desta experiência como um tempo em que ele e a sua família viveram como refugiados. Como o seu pai era um homem de grandes influências, conseguiram fugir para Inglaterra. Jean Vanier contava nesta altura onze anos de idade e para ele tudo isto não passava de uma grande aventura⁵.

Ainda jovem, com treze anos apenas, decide seguir os passos de seu pai na carreira militar, desejando orientar a sua vida pelos mesmos valores que orientaram a vida de seu pai e sua mãe: serviço, coragem e sensibilidade as necessidades dos outros⁶.

³ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*. Cantabria: Sal Terrae, 2009, 13.

⁴ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 14.

⁵ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 14-15.

⁶ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 15.

1.1.2. Vida Militar

Aos treze anos Vanier decide ingressar na carreira militar com o objetivo de concretizar este desejo. Em 1942, cruza o oceano Atlântico e vai viver com a sua irmã em Londres para aí frequentar a Escola Naval que preparava os oficiais da marinha britânica, uma das mais conceituadas do mundo, onde esteve durante oito anos, quatro anos em formação e quatro anos em serviço nos navios de guerra⁷.

Para Jean Vanier, os anos passados na escola naval formaram e fortaleceram o seu corpo e ajudaram-no a não desistir das suas ideias e a orientar a sua vida por elas⁸. No entanto, este período também foi marcado por uma vida espiritual bastante intensa; foi também o tempo em que o seu desejo de aprofundar o seu conhecimento sobre Jesus e a sua mensagem foi aumentando. Este desejo era visível na sua vida pois, entre outras coisas, sempre que se encontrava em terra procurava assistir à missa⁹.

Após várias missões em navios de guerra, Jean Vanier foi destacado para Halifax como oficial do porta-aviões *Magnificent*. Esta mudança não vai ser só física e espacial, irá também trazer alterações a nível espiritual. De facto, Jean Vanier vai começar a ter direção espiritual com o Padre Thomas Philippe, que também era diretor espiritual de sua mãe, rezar a liturgia das horas, ir à missa todos os dias e intensificar as leituras espirituais¹⁰. É desta forma progressiva e silenciosa que a vida de Jean Vanier se vai modificando e vai nascendo nele o desejo de mudar de vida.

Em 1950, após ter feito os exercícios espirituais de S. Inácio, opta por abandonar a carreira militar, que se avizinhava promissora, para empenhar todas as suas forças na

⁷ Cf. Mathieu, Marie-Hélène; Vanier, Jean. *Antes de tudo o Abraço*, 9.

⁸ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 18.

⁹ Cf. Mathieu, Marie-Hélène; Vanier, Jean. *Antes de tudo o Abraço*, 9.

¹⁰ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 19.

descoberta da vocação, seguir mais de perto Jesus e levar uma vida segundo o Evangelho¹¹.

Para esta nova etapa, Jean Vanier vai contar com a ajuda do Padre Thomas Philippe. Entre Jean Vanier e o padre Thomas estabeleceu-se um laço de amizade, intimidade e cumplicidade tal, que nunca mais se irão separar. Jean Vanier diz-nos que o Padre Thomas acima de tudo o ajudou a descobrir o Espírito Santo dentro dele, auxiliando-o a confiar em si mesmo e em Deus. É com o apoio do Padre Thomas e com a sua oração que Jean Vanier vai descobrindo a vontade de Deus a seu respeito¹².

1.1.3 Estudos e primeiros contactos com as pessoas com deficiência

Em 1950, Jean Vanier apresentou a demissão da marinha para seguir a Jesus e levar uma vida segundo o Evangelho. Após ter sido aceite a sua demissão, foi viver para perto de Paris, para uma comunidade fundada pelo padre Thomas Philippe, seu “pai espiritual”, que o foi escutando e o ajudou a abrir o coração e a inteligência ao Evangelho¹³.

Dois anos após ter chegado à comunidade, é surpreendido com as orientações de Roma que visam afastar o Thomas Philippe da comunidade e da congregação, por heterodoxia e por praticar uma direção espiritual considerada demasiado mística. Ao ter de abandonar a comunidade, o padre Thomas pediu a Jean Vanier que assumisse a responsabilidade do grupo. Ao pedido do Padre Thomas, juntaram-se as vozes dos

¹¹ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 21.

¹² Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 21.

¹³ Cf. Mathieu, Marie-Hélène; Vanier, Jean. *Antes de tudo o Abraço*, 9.

demais responsáveis da comunidade, com o mesmo intuito¹⁴. Jean Vanier vai aceitar este pedido não por se sentir capaz, mas com boa vontade e ingenuidade¹⁵.

A par com a responsabilidade da comunidade, que irá dirigir por quatro anos, após os quais fechará portas, começa também a frequentar o curso de filosofia lecionado no Instituto Católico de Paris. Findo o seu cargo como diretor da comunidade, Jean Vanier continua os seus estudos e dedica-se à sua tese de doutoramento, “*A felicidade como princípio e fim da ética aristotélica*”, que defendeu em Junho de 1964, obtendo a classificação de *maxima cum laude*. Terminado o curso e tendo obtido a classificação máxima, Jean Vanier aceita o emprego de professor e começa a lecionar filosofia em St. Michael’s College, da universidade de Toronto¹⁶.

No ano de 1963, por altura das festas natalícias, o Padre Thomas Philippe é nomeado capelão de uma instituição que acolhia homens com deficiência intelectual, denominada *Val Fleuri*, situada em França, mais propriamente em Trosly-Breuil. Com esta nomeação, é necessário ajudar o Padre Thomas a instalar-se na sua nova casa. Para isso, ele irá contar com a ajuda dos seus amigos entre os quais se encontra Jean Vanier e é com este acontecimento que se irá dar o primeiro contacto de Jean Vanier com as pessoas portadoras de deficiência¹⁷. Jean Vanier na introdução que faz ao seu livro “*Ele os criou Homem e mulher*”, recorda este momento dizendo:

“Eu não estava absolutamente preparado para o encontro com o deficiente quando fui visitar o Padre Thomas. [...] Esse encontro deixou-me maravilhado e estupefacto. Aquelas pessoas eram tão diferentes dos meus estudantes de Toronto! Estes apreciavam mais ou menos as ideias que saíam da minha cabeça, porque deviam passar nos exames. Mas não tinha interesse pela minha pessoa. As pessoas que encontrei em Trosly se desinteressavam totalmente pelo conteúdo da minha cabeça mas

¹⁴ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 22.

¹⁵ Cf. Mathieu, Marie-Hélène; Vanier, Jean. *Antes de tudo o Abraço*, 9.

¹⁶ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 23-25.

¹⁷ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 25.

manifestavam muita atenção pela minha pessoa. [...] Todo o corpo e todo o ser deles manifestavam extrema carência de amizade e de vida afetiva. Esse grito de amizade tocou-me muito e despertou em mim sentimentos profundos”¹⁸.

Tendo em conta estas palavras, podemos deduzir que Jean Vanier nunca tinha colocado a hipótese de viver com pessoas com deficiência e que nem sequer se sentia preparado para o encontro com elas. No entanto, este encontro marcará a sua vida e será o impulso para a transformação que em breve irá acontecer.

Jean Vanier conseguiu ver mais longe do que as aparências, conseguiu ver nestas pessoas, marcadas pela fragilidade, os valores do coração, a simplicidade e a verdade, os quais, no seu entendimento, deviam orientar a vida dos que decidem seguir Jesus e viver do Evangelho. Como ele próprio afirma: “esses corações feridos e sedentos representaram para mim um apelo que atingiu o meu próprio coração”¹⁹. Deste encontro saiu também a interpelação do Padre Thomas a Jean Vanier de ele poder fazer alguma coisa por estas pessoas e encorajou-o a visitar hospitais psiquiátricos, instituições e famílias com filhos deficientes²⁰.

Findo este primeiro encontro, Jean Vanier regressa a St. Michael's onde se tornará um professor excelente, não só pela sua sabedoria mas também pela forma apaixonada com que expunha a matéria, o que levou a que lhe oferecessem o lugar de professor permanente. Cargo que recusou, porque queria estar perto do Padre Thomas e porque tinha a convicção profunda de que Jesus os tinha chamado para uma missão em

¹⁸ Vanier, Jean. *Ele os criou homem e mulher - para uma vida de amor autêntico*. São Paulo: Paulinas, 1987, 7-8.

¹⁹ Vanier, Jean. *Ele os criou homem e mulher - para uma vida de amor autêntico*, 8.

²⁰ Cf. Mathieu, Marie-Hélène; Vanier, Jean. *Antes de tudo o Abraço*, 10.

conjunto. Assim, terminado o ano letivo, regressou para França para junto do seu Pai espiritual²¹.

1.2. L'Arch

1.2.1. O impulso

Jean Vanier ficou profundamente marcado pelo primeiro encontro com pessoas portadoras de deficiência mental e levou bastante a sério o convite do seu mestre espiritual, quer para visitar hospitais e instituições que acolhiam pessoas portadoras de deficiência mental, quer famílias que tinham no seu seio pessoas portadoras de deficiência mental.

Diz-nos Jean Vanier que, ao visitar as instituições e as famílias que tinham no seu seio pessoas com deficiência, deu de caras com uma realidade que lhe era estranha e perante a qual não poderia ficar indiferente:

“Descobri, então, o sofrimento terrível das famílias, assim como dos homens e mulheres com uma deficiência intelectual, trancados em instituições, privados de liberdade, de trabalho e, frequentemente, de respeito e amor. Ao visitar o Padre Thomas, em Trosly, tomei consciência de que me era possível criar uma pequena comunidade com pessoas necessitadas, com o apoio do Dr. Préaut, um psiquiatra eminente e bem conhecido no Oise, ao mesmo tempo que poderia ficar perto do Padre Thomas. [...] Foi esse desejo de aliviar o sofrimento e de ajudar as pessoas mais frágeis, muitas vezes arrasadas pela vida, mas criadas por Deus e escolhidas por Ele, que me incitaram a agir”²².

Jean Vanier fala desta descoberta das pessoas com deficiência como a terceira etapa da sua vida:

²¹ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 26

²² Mathieu, Marie-Hélène; Vanier, Jean. *Antes de tudo o Abraço*, 10.

“Depois, no terceiro período, descobri as pessoas débeis, as pessoas com uma deficiência mental. Fiquei profundamente comovido por este vasto mundo de pobreza, debilidade e fragilidade. Então, voltei a minha vida para este universo de sofrimento. Deixei de lado as minhas ideias sobre o ser humano para descobrir o ser humano, o que é ser um homem ou uma mulher”²³.

Destas palavras podemos intuir que algo de novo está para nascer. De facto, Jean Vanier não vai ficar a assistir a este sofrimento sem nada fazer. Para concretizar este desejo de ajudar as pessoas com deficiência, depois de ter renunciado ao lugar de professor permanente na universidade de Toronto, entrega-se definitivamente ao serviço das pessoas com deficiência.

Jean Vanier relata-nos este momento decisivo, que podemos de denominar de primeiro impulso, da seguinte forma: “Decidi, com o Padre Thomas, encontrar uma pequena casa em Trosly ou nos arredores e tirar duas ou três pessoas de um centro que eu tinha visitado, na região parisiense. Este estava superlotado, era violento e difícil”²⁴.

1.2.2. A primeira comunidade

Resolvido em concretizar a decisão que havia tomado, Jean Vanier põe mãos à obra, não se poupando a esforços para que tal se concretize o quanto antes.

“Consegui criar uma associação com o Dr. Préaut, encontrar fundos necessários através de alguns amigos, comprar uma casa um pouco deteriorada – sem casa de banho nem retrete, mas adequada. Arranjamos alguns móveis da comunidade Emaús. No espaço de alguns meses tudo ficou pronto! Foi assim que, no dia 5 de Agosto, a diretora daquele centro superlotado chegou com Raphaël Simi, Philippe Seux e Dany levando o almoço que o centro tinha preparado. O Padre Thomas estava presente,

²³ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*. Madrid: PPC, 1995, 43.

²⁴ Mathieu, Marie-Hélène; Vanier, Jean. *Antes de tudo o Abraço*, 11.

assim como o Dr. Préaut e a Jacqueline d'Halluin; o Louis Pretty e o Jean-Louis Coïc tinham vindo para ajudar”²⁵.

É com este relato simples, que Jean Vanier nos oferece, que se dá o início da Arca.

A finalidade de Jean Vanier, ao dar corpo a este novo projecto, é tão simplesmente a de colocar a pessoa com deficiência no centro da comunidade.

“Tudo aquilo que eu queria fazer era criar uma comunidade em que eles estivessem no centro. Eu queria dar-lhes uma família, um lugar onde pudessem crescer em toda a dimensão de seus seres, onde pudessem descobrir a Boa Nova de Jesus”²⁶.

Esta vai ser a grande preocupação de Jean Vanier ao longo dos tempos, que a pessoa com deficiência seja colocada no centro e em pé de igualdade com os outros membros da comunidade, que ela seja o centro. A pessoa com deficiência, ao tornar-se o centro da vida comunitária, vai marcar o ritmo da própria comunidade, porque a sua opinião e o seu bem-estar vão ter peso nas decisões que se tomam, tanto quanto isso for possível. Resumindo, para Jean Vanier a vida das comunidades da Arca deve girar em torno das pessoas com deficiência.

Face ao exposto, podemos dizer que o projeto que Jean Vanier pretende abraçar é marcado pela humildade, simplicidade e amor pelos mais frágeis e vulneráveis da nossa sociedade.

Falar dos primórdios da Arca e não falar das pessoas e dos primeiros passos da comunidade seria um contrassenso. Importa referir desde logo que a comunidade,

²⁵ Mathieu, Marie-Hélène; Vanier, Jean. *Antes de tudo o Abraço*, 11-12.

²⁶ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*. São Paulo: Paulinas, 1997, 17.

constituída inicialmente por três pessoas portadoras de deficiência mental, passadas vinte e quatro horas, ficou reduzida a dois elementos. Isto porque Dany sofria de uma grande perturbação, não podia ouvir nem falar e vivia de tal modo no seu mundo que inviabilizava a vida em comunidade, ainda para mais estando esta a dar os primeiros passos²⁷.

Um dos primeiros grandes desafios que se apresentou foi a necessidade de aprender a viver em comunidade, pois este modo de vida não é fácil, mas torna-se ainda mais difícil quando se vive com pessoas com deficiência. Jean Vanier alerta-nos para o facto de existir um grande risco quando se vive com pessoas deficientes: querer impor o nosso ritmo. E ele mesmo caiu nessa emboscada, como nos diz:

“No começo eu imaginava que tinha o poder de indicar a Raphaël e a Philippe o que eles deviam fazer. [...] Eu não perguntava a eles o que desejavam, tanto neste caso como em muitos outros. Levei muito tempo até perceber que era preciso ouvi-los mais, que eles tinham a vida deles, suas esperas e seus desejos próprios. Eu ainda sentia os efeitos de meus velhos hábitos de oficial da marinha!”²⁸.

Como vemos, também Jean Vanier teve de mudar a sua maneira de pensar e de agir, teve de aprender a viver com eles e a pôr em prática o princípio fundamental: colocar a pessoa com deficiência no centro. Ao proceder deste modo, Jean Vanier começou a adentrar-se no mistério do coração destas pessoas e a descobrir o grande sofrimento que aí se encontrava, escreve Jean Vanier:

“Comecei a perceber quanto os seus corações tinham sido abalados pela rejeição, pelo abandono e pela falta de respeito. Ao mesmo tempo que comecei a descobrir a beleza e a delicadeza de seus corações, sua capacidade de ternura e de comunhão”²⁹.

²⁷ Cf. Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 17.

²⁸ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 18.

²⁹ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 20.

É deste modo que Jean Vanier se vai inserindo no mundo do sofrimento e, no caso concreto, no mundo dos que sofrem por causa da sua deficiência mental. Sofrimento que é agravado pelos sentimentos de rejeição, abandono, incompreensão e causa de desilusão. Tudo isto leva a que as pessoas com deficiência criem barreiras em torno de si mesmas, que posteriormente é necessário destruir para lhes mostrar a sua importância, beleza e até mesmo a sua utilidade.

1.2.3. O nome, a oração e a espiritualidade (comunitária) da Arca

1.2.3.1. O Nome

O sonho de Jean Vanier torna-se realidade com a chegada dos primeiros habitantes, com os quais surge um novo desafio, o de escolher o nome deste projeto. Para esta missão, escolhe Jacqueline que de imediato começa a trabalhar sugerindo alguns nomes, entre os quais aparece Arca. Ao ouvir este nome, Jean Vanier identifica-se de imediato, porque traduz muito bem aquilo que a obra, agora iniciada, quer ser no mundo e na sociedade.

O nome de Arca remete para a simbologia da arca de Noé: assim como a arca foi o meio escolhido por Deus para salvar a humanidade do dilúvio e revelar a nova aliança de Deus com os homens, também a Arca ou L'Arch quer levar a bordo as pessoas com deficiência mental, que rapidamente se afogariam na sociedade competitiva, para lhes revelar a dignidade e “utilidade”, e ser, ao mesmo tempo, um sinal profético para a sociedade³⁰.

³⁰ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 10.

1.2.3.2. Oração e a vocação ecuménica das comunidades

Para Jean Vanier, a Arca é obra de Deus, foi suscitada e inspirada por Ele para revelar aos homens o essencial. Isto mesmo transparece pelo nome com que Vanier batiza a comunidade, a este respeito escreve Jean Vanier:

“A Arca foi suscitada por Espírito Santo, através do Padre Thomas Philippe, para revelar à nossa época que o essencial do ser humano não reside no conhecimento, mas no amor. Por isso Deus escolheu manifestar-se de modo particular, utilizando-se de pessoas portadoras de deficiência mental, revelando-se nas fraquezas, na simplicidade e no coração delas”³¹.

Com esta certeza de que a Arca foi suscitada por Deus, a componente espiritual irá estar bastante presente nas comunidades e será ela o suporte da vida comunitária. Por isso, desde os primeiros tempos, Jacqueline elaborou a oração da Arca, tendo em conta as orientações de Jean Vanier. A oração, “Senhor, abençoa-nos pela mão dos teus pobres; Senhor, sorri-nos pelo olhar dos teus pobres; Senhor, recebe-nos um dia na feliz companhia dos teus pobres”³², como em tudo o que diz respeito à Arca, tem também a pessoa com deficiência mental no centro, apresentando-a como um “instrumento” para chegar até Deus:.

Apesar das comunidades terem surgido num de inspiração cristã, não se irão fechar no cristianismo. Rapidamente vão surgir comunidades inter-religiosas, o que irá revelar uma nova necessidade: que exista uma oração que tenha em conta a inicial, respeitando as crenças dos habitantes de cada comunidade. Assim, a matriz inter-religiosa não será um obstáculo a que se fundem novas comunidades onde há dimensão espiritual, mas exigirá que se façam alterações.

³¹ Vanier, Jean. *A espiritualidade da Arca - uma presença que se revela no dia-a-dia*. São Paulo: Paulinas, 1997, 8.

³² Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 21.

Isto mesmo resulta da *Constituição das comunidades da “Arca”*, aprovada pela Assembleia Geral da Federação, em Maio de 1993, na qual podemos ler no capítulo terceiro, nos pontos 1.2 e 1.3, referente às comunidades:

“1.2) As comunidades podem ter uma raiz religiosa exclusiva, ou podem ter carácter inter-religioso. As comunidades cristãs podem ter sua raiz em alguma Igreja, ou podem ter carácter inter-confessional. Cada comunidade está em comunhão com a autoridade religiosa da qual depende, e seus membros se integram nas Igrejas e lugares de culto que existem na localidade. 1.3) As comunidades reconhecem a sua vocação ecuménica e a sua missão de unidade”³³.

Atendendo à vocação inter-religiosa e ecuménica das comunidades da Arca, Jean Vanier irá escrever uma oração para a que floresce na Índia e Thérèse Vanier, Ann e Geoffrey Morgan irão escrever uma outra oração que terá em conta a vocação ecuménica. Como dissemos, as diferenças religiosas não serão impedimento a que se formem novas comunidades. Pelo contrário, serão um sinal vivo da vocação ecuménica das comunidades onde a vida espiritual é o suporte da vida comunitária, mostrando à sociedade que é possível viver em comunidade sem se perder a identidade religiosa.

Esta vocação inter-religiosa e ecuménica talvez tenha surgido porque, para Jean Vanier, a finalidade da Arca sempre foi muito clara, a de colocar a pessoa e, neste caso concreto, a pessoa com deficiência no centro, não se deixando limitar pelas barreiras físicas ou até mesmo espirituais: “a Arca era uma instituição destinada a servir as pessoas com deficiência mental”³⁴.

³³ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 177.

³⁴ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 34.

1.2.3.3. Espiritualidade

A espiritualidade da Arca é marcada essencialmente por viver em comunhão com os pobres com tudo o que isso implica: escutá-los, acolhe-los, amá-los e através deles sermos evangelizados, uma vez que eles nos revelam o coração e a compaixão.

Podemos dizer que é uma espiritualidade que sofre com a pessoa portadora de deficiência mental, que nos revela a grandeza do mistério do coração. Escreve Jean Vanier:

“Descobrimos que as pessoas portadoras de deficiência mental, e todas aquelas que estão nas camadas mais baixas desta escala de valores da sociedade, constituem um paradoxo. Consideradas sobre o olhar da fé, elas, que são excluídas, que são consideradas como “fracassadas”, tornam-se capazes de, ainda uma vez, de dar equilíbrio ao nosso mundo. Dizia Jesus: «a pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se pedra angular». Assim também nós acolhemos aqueles que foram rejeitados e eles nos transformam. Nisto consiste o Evangelho e a nova ordem instaurada por Jesus. Para podermos passar por uma transformação tão radical, para podermos viver deste amor novo, é preciso um dom do Espírito Santo, um olhar de fé, uma esperança e um amor que jorram do coração de Jesus, e que chegam até nós pelo conduto da oração, feita em comunhão com Ele. A transformação do nosso olhar sobre o pobre e de nosso coração é uma obra lenta e bela. Ela se faz no cadinho da vida comunitária”³⁵.

Com este texto, percebemos que é no concreto do dia-a-dia, onde convivem pessoas com deficiência, assistentes, voluntários e técnicos, que se dá o encontro com Jesus. Para Jean Vanier, não há dúvidas de que o contacto com o frágil é o meio privilegiado para entrar em relação connosco mesmos e com Jesus que se esconde na fragilidade.

Apesar de este contacto com o pobre ser o meio privilegiado para o encontro com Jesus, Jean Vanier diz-nos que também é necessário que cada um faça a sua oração

³⁵ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 51.

pessoal para que a esperança e a fé não desfaleçam. Só dedicando tempo à oração pessoal os assistentes aprendem a descansar no Senhor e a ver nas pessoas com deficiência o Cristo sofredor que os ama e quer ser amado.

Uma das grandes prioridades das comunidades da Arca é fomentar a vida espiritual e aprofundar o significado da espiritualidade própria da Arca, que não se reduz a frequentar um templo. Para Jean Vanier consiste numa forma de viver impregnada pelo amor, escreve:

“Ela consiste numa forma de viver, e sobretudo numa qualidade de amor que deve impregnar todos os nossos gestos, todas as nossas relações. A vida espiritual nos permite viver cada instante em comunhão com Deus com nossos irmãos e irmãs”³⁶.

Se é a vida espiritual que nos permite viver em comunhão com Deus e com os irmãos, percebemos que para Jean Vanier a dimensão comunitária influencia a vida em comunidade e que a comunidade influencia a vida espiritual, estando estas duas dimensões intimamente ligadas.

Ao definir as comunidades na *Constituição das comunidades da “Arca”*, no capítulo terceiro, define-as não como um agrupamento de pessoas onde se presta serviço a pessoas com deficiência, mas sim como comunidades de fé, escreve Jean Vanier:

“1.1) Cada uma das nossas comunidades é uma comunidade de fé. Arraigada na oração e na confiança em Deus, elas querem deixar-se guiar pelo mais fraco, pois este revela a presença de Deus. Cada membro da comunidade é incentivado a descortinar ou a aprofundar a sua vida espiritual, e a viver conforme o espírito da fé ou tradição que lhe é própria”³⁷.

³⁶ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 157.

³⁷ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 177.

É no concreto da vida comunitária que se dá a beleza do encontro, encontro este que transforma, cura e liberta. Jean Vanier diz-nos que é no viver juntamente com os mais pobres que se descobre o perdão e amor de Deus, escreve:

“Neste viver quotidiano com os pobres, Jesus nos faz participar da comunhão que Ele mesmo tem com o Pai. Comendo à mesa das pessoas portadoras de deficiência mental, que já viveram no passado como excluídas, tornamo-nos amigos delas fazemos obra de unidade, de reconciliação e de paz. Crescemos na ternura divina. Descobrimos o perdão de Jesus e nos tornamos sinais para a festa das núpcias eternas”³⁸.

A espiritualidade da Arca é vivida em torno da pessoa com deficiência mental, o pobre, no qual esta escondida a pessoa de Jesus, não é menos verdade que para viver plenamente tal espiritualidade necessitamos da comunidade.

A comunidade, para Jean Vanier, assume um lugar importante, porque nela se vivem dois aspetos muito importantes da espiritualidade da Arca: a celebração e o perdão. Afirma: “ O cume da vida comunitária está na celebração, o seu coração é o perdão”³⁹.

A espiritualidade da Arca consiste em descer as escadas do poder para estar com os mais frágeis e pobres, para os servir e com eles formar uma família e uma comunidade. O específico da Arca é a aliança de amor que une todos os que nela vivem. Sendo que este vínculo passa pela comunhão dos corações através da mediação do corpo. É claro que este é o ideal, mas Jean Vanier sabe que isto não é a realidade, porque não existem comunidades perfeitas; ele define as suas comunidades como “peregrinas”.

³⁸ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 56.

³⁹ Vanier, Jean. *A comunidade lugar do perdão e de festa*. 2. Lisboa: Paulistas, 1986, 19.

Em jeito de conclusão deste ponto, podemos dizer que a vida espiritual na Arca se define como comunhão. Comunhão com Deus, através da oração, comunhão com o pobre, que revela a presença oculta de Deus, comunhão com a comunidade. Sendo que esta espiritualidade da Arca é alicerçada na humildade, na simplicidade e na confiança⁴⁰.

1.2.3.4 A comunidade

As comunidades criadas por Jean Vanier são muito especiais e contrariam a tendência natural em criar comunidades constituídas apenas pelos mais fortes, onde os mais fracos não encontram lugar. Jean Vanier cria comunidades onde os fracos e os fortes vivem em união, formando uma verdadeira comunidade onde os fracos precisam dos fortes e os fortes precisam dos fracos.

Nestas comunidades, todos têm o seu lugar único e insubstituível. Nelas, as pessoas mais fracas, mais débeis, precisam que os mais fortes estejam e vivam com elas para as ajudarem e lhes transmitirem segurança, amor e carinho. Por sua vez, os mais fracos ajudam os mais fortes a descobrir a sua humanidade, a abandonar o mundo competitivo para se colocarem ao serviço do amor, da justiça e da paz; são convidados a aceitar as suas próprias fraquezas e fragilidades que normalmente tendem a esconder detrás de máscaras. Mas se é verdade que podem despertar estas atitudes e sentimentos positivos, também é verdade que podem despertar o mais horrível e tenebroso que existe dentro do coração do homem⁴¹.

⁴⁰ Cf. Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 1997, 157.

⁴¹ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 108-109.

No texto que citámos anteriormente, Jean Vanier fala no “viver quotidianamente com os pobres”, ou seja, fala numa verdadeira experiência de vida comunitária, onde todos têm o seu lugar, onde ninguém está a mais, e onde todos são tratados igualmente. É neste “viver quotidianamente com o pobre”, ou seja, neste viver em comunidade que se aprende a viver o perdão, a humildade e o serviço. É na vida comunitária que se sai do egoísmo e que se destroem as barreiras edificadas em torno do nosso coração. Deste modo, as comunidades da Arca pretendem ser comunidade onde se experiencia e se vive do amor⁴².

A grande importância que Jean Vanier dá à comunidade deve-se ao facto de ser no seu seio que a pessoa se desenvolve, porque a comunidade é o lugar da relação por excelência, contudo, ele chama à atenção para o facto de a comunidade nunca dever ter a primazia sobre a pessoa, escreve Jean Vanier:

“A comunidade é o lugar do crescimento para a libertação interior da pessoa, do desenvolvimento da sua consciência pessoal, da sua união com Deus, da sua consciência de amor, da sua capacidade de dom, da sua capacidade de dar-se. A comunidade não deve nunca ter a primazia sobre as pessoas. Pelo contrário, a beleza e a unidade de uma comunidade vêm de cada consciência pessoal, transparente, verdadeira, cheia de amor e livremente unida aos outros”⁴³.

Em jeito de conclusão deste ponto, nada melhor que recorrer às palavras de Vanier, que no nosso entender definem as comunidades da Arca de uma forma tão bela, completa e simples:

“Não somos mais que pequenos lugares cheios de pessoas felizes que rezam e celebram, cuja fragilidade esta marcada nos seus corpos, mentes e espíritos, e de assistentes e amigos que criam um espírito de

⁴² Cf. Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 62.

⁴³ Vanier, Jean. *A comunidade lugar do perdão e de festa*, 35-36.

amor e de ternura. Somos pessoas que peregrinam, cada dia para uma terra prometida de amor”⁴⁴.

1.3. A expansão

A Arca que tinha dados os seus primeiros passos apenas com duas pessoas com deficiência e alguns voluntários rapidamente vai alargar os seus horizontes. Aos poucos, Jean Vanier vai tomando consciência de que a Arca ia deixando de ser aquela pequena comunidade onde se vivia de maneira pobre com os pobres. Isto porque à medida que ia aumentando o número de residentes (das mais diversas proveniências: famílias, lares, hospitais, hospitais psiquiátricos e até mesmo da rua), de assistentes e voluntários era preciso começar a planear e a gerir pessoas e bens. Mas uma coisa era clara para Jean Vanier, estas mudanças, que se afiguravam necessárias, não poderiam alterar o carácter profético e evangélico⁴⁵.

Vejamos como Jean Vanier nos relata a expansão:

“Foi assim que, apenas alguns meses após a sua fundação, a Arca transformou-se numa associação de mais de 50 pessoas, com vínculos legais com o estado, a igreja, com os profissionais e com o conselho administrativo local. Eu era ao mesmo tempo, diretor de uma pequena instituição e pastor de uma pequena comunidade cristã centralizada em torno do pobre, mas onde muitos não sabiam ainda como exprimir a sua fé”⁴⁶.

Esta expansão não se ficará só por aqui. Em breve, Jean Vanier irá perceber que a sua missão não será só a primeira comunidade por ele fundada, nem se restringirá a outras casas circunvizinhas, mas que se irá expandir a outros continentes e países.

⁴⁴ Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 113.

⁴⁵ Cf. Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 27.

⁴⁶ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 29.

Também nesta expansão Jean Vanier vê a mão e a vontade de Deus em que a obra que havia começado se expandisse:

“Talvez eu nunca tenha sido um bom assistente, muito menos ainda um modelo, mas Deus parece ter querido servir-se de minhas capacidades de ação, de trabalho e de liderança, bem como de meu desejo de viver o Evangelho, de servir os pobres, para dar início à Arca, espaiá-la e dirigi-la em seus primeiros passos”⁴⁷.

Para Jean Vanier, houve três acontecimentos que prepararam a expansão da Arca: as conferências em Toronto, os retiros de Fé e Partilha, feitos no Canadá, e a peregrinação de Fé e Luz a Lourdes. Estes três acontecimentos preparam a expansão, porque destes retiros, sobre diferentes formas, a Arca ia crescendo: quer fosse através de vocações de assistentes, quer através de imóveis para abertura de novas comunidades, quer pelo florescimento de movimentos *Fé e Partilha* no Canadá e nos Estados Unidos, quer pela oração de tantos e tantas que após estes retiros rezavam pela Arca⁴⁸.

Jean Vanier, ao recordar estes retiros, diz-nos:

“Esses retiros servem como aviso, recordando que a finalidade das pessoas portadoras de deficiência, bem como cada um de nós, é crescer sempre no amor, no desejo de acolher os outros, no serviço e na santidade, e não apenas numa normalização”⁴⁹.

Com a rápida expansão é necessário que a identidade da Arca não se perca e se torne uma multinacional. Para que tal não aconteça Jean Vanier aponta três pontos sobre os quais se deve manter uma vigilância constante.

O primeiro ponto é que as comunidades se mantenham heterogêneas, descobrindo o tesouro da diferença; contrariando a tendência natural de criar

⁴⁷ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 35.

⁴⁸ Cf. Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 35-54.

⁴⁹ Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 35.

comunidades fortes, homogêneas e seguras que poderia levar a uma alternância de prioridades na qual a pessoa com deficiência deixaria de estar no centro⁵⁰.

O segundo ponto a não esquecer é que comunidades são ambientes de fé, ao mesmo tempo que são um lar para as pessoas com deficiência, o que exige um grande esforço. Precisam de ser, ao mesmo tempo, um exemplo de competência, para poderem cuidar eficazmente das pessoas que lhe são confiadas, e uma comunidade de fé. Deste segundo ponto resulta a necessidade de as comunidades da Arca serem assistidas por sacerdotes, pastores e guias espirituais que recordem continuamente a missão e vocação da Arca⁵¹.

O terceiro aspeto tem a ver com a necessidade de aprofundar o significado da Arca em cada cultura, pelo facto de a Arca não se reduzir apenas uma região ou a uma cultura, ou seja, a necessidade de uma inculturação. Esta inculturação não pode de modo algum suprimir a identidade da Arca e a sua missão, mas deve levar as comunidades a viver da cultura do país e da cultura do pobre⁵².

A pequena comunidade que começou em Trosly marca presença nos cinco continentes, em trinta e cinco países, perfazendo um total de cento e quarenta e sete comunidades⁵³.

⁵⁰ Cf. Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 153-154.

⁵¹ Cf. Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 155-158.

⁵² Cf. Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 159-161.

⁵³ Cf. http://jean-vanier.org/es/sus_compromisos/las_fundaciones (acedido em 24 de Agosto de 2016 pelas 14h48).

1.4. Objetivos, princípios e missão das comunidades da Arca⁵⁴

Ao fundar estas comunidades, alicerçadas numa aliança entre pessoas frágeis e vulneráveis e assistentes, Jean Vanier tem como principal objetivo acolher no seu seio pessoas com deficiência mental, responder ao seu grito de angústia e reconduzi-los à vida em sociedade. Para Jean Vanier, é importante que a pessoa com deficiência não seja posta à margem da sociedade, mas que se sinta como parte integrante da mesma. Para tal, as comunidades promovem o trabalho das pessoas com deficiência mental como um meio privilegiado de integração, bem como as relações de vizinhança.

Estas comunidades regem-se pelo princípio fundamental da dignidade da pessoa humana (independentemente das suas limitações e qualidades), do seu valor inestimável, único e sagrado. Para que a pessoa possa desenvolver as suas capacidades e dons e, deste modo, realizar-se como pessoa precisa de um ambiente favorável onde se sinta segura e amada, tal como a criança precisa deste ambiente para se desenvolver plenamente enquanto pessoa. Deste modo, cada comunidade é chamada a ser este ambiente favorável, onde a pessoa com deficiência possa crescer em todos os seus âmbitos, saúde, educação, vida social e espiritual.

As comunidades da Arca pretendem apresentar ao mundo o dom que são as pessoas com deficiência mental para a sociedade, uma vez que na sua fragilidade e simplicidade elas têm o dom de tocar os corações em favor da unidade. Fragilidade e vulnerabilidade que não são um obstáculo à relação com Deus e com os seus semelhantes, mas o meio privilegiado para entrarem numa verdadeira relação. Muitas vezes, as pessoas com deficiência mental são incómodas, porque relembram

⁵⁴ Cf. Vanier, Jean. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*, 175-180. Todo este ponto será elaborado tendo em conta as constituições das comunidades da Arca, que se encontra em anexo ao presente livro assim escusarmos de colocar notas de pé de página, além da presente. Sendo que todos os dados e toda a informação aqui referida pode ser encontrada nestas páginas.

continuamente à sociedade os valores do coração, sem os quais a inteligência, o poder e a ação perdem o seu sentido e são desviados da sua finalidade.

Concluindo este ponto, podemos dizer que a grande preocupação da Arca é o sofrimento que afeta as pessoas portadoras de deficiência mental, muitas vezes vítimas de abandono, injustiças, rejeição e incompreensão. Deste modo, o que as comunidades da Arca pretendem fazer é proporcionar às pessoas com deficiência (e aos assistentes) um lar, uma família, onde os seus direitos sejam protegidos, onde se sintam amados, descubram as suas potencialidades, capacidades e encontrem o seu lugar na sociedade.

II. CAPÍTULO

A FERIDA DO MEDO E O CORPO VULNERÁVEL

QUE CURA

O homem, porque humano, é marcado pela fragilidade e pela finitude física que é própria da sua natureza. Mas, para além desta fragilidade e finitude física, muitas vezes, ele é também marcado pelas feridas relacionais, pelas feridas do coração. Diz-nos Jean Vanier que tal ferida pode ter como consequência a construção de um muro psicológico que o ser humano dos outros. Vejamos:“ A consequência desta ferida primordial do coração do ser é a construção de um muro psicológico que é prejudicial na relação com os outros”⁵⁵.

Se o que se disse anteriormente é válido para as pessoas ditas normais é, de igual modo, válido para as pessoas que já se encontram marcadas por alguma limitação física ou psicológica, pois também elas são muitas vezes tocadas pela ferida do coração, porque durante o seu percurso de vida passaram por experiências de falsas comunhões que as levaram a fechar em si mesmas.

Podemos, deste modo, afirmar que a humanidade é marcada pela ferida primordial do coração. Quer seja forte ou fraco, o ser humano anseia por uma autêntica comunhão com o outro e com Deus. No entanto, muitas vezes, por causa do muro psicológico que cria em volta do seu coração, não é capaz de entrar numa relação de autêntica comunhão.

Neste capítulo, em primeiro lugar, iremos apresentar algumas causas da ferida relacional que Jean Vanier aponta, tanto nos vulneráveis como nos fortes.

⁵⁵ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 72.

Em segundo lugar iremos apresentar o modo de como o corpo ferido da pessoa frágil e vulnerável ajuda os fortes a derrubar os muros que construíram em torno do coração tornando-os mais humanos, ao mesmo tempo em que os fortes revelam a beleza, o dom, a importância, por outras palavras o tesouros que as pessoas feridas e vulneráveis são.

2.1. “A ferida do medo”

Do estudo que fizemos da obra de Jean Vanier, podemos afirmar que a maioria das feridas que ele aponta tem, na sua génese, o medo. O medo da fragilidade, da vulnerabilidade, da não-aceitação, da diferença.

São estes medos que dão origem a ferida relacional que iremos, de forma breve, apresentar.

2.1.1. Medo de abrir os corações.

O que está aqui em causa é a profundidade ou a superficialidade das relações, que abrem uma ferida relacional. Jean Vanier diz-nos que a grande maioria das nossas relações são feridas pela superficialidade e por isso são “fáceis”. Mas quando elas começam a ficar mais consistentes, ou quando somos chamados a partilhar mais em profundidade as nossas vidas, fugimos. A este respeito escreve:

“Fazemos coisas juntos: desporto, vamos ao cinema, trabalhamos, temos vários acontecimentos sociais, políticos, religiosos etc., mas a porta do nosso coração permanece solidamente fechada. Não permitimos que o outro se aproxime realmente de nós. Não abrimos a porta. Não

manifestamos quem realmente somos. Acima de tudo não manifestamos a nossa fragilidade e vulnerabilidade”⁵⁶.

No entender de Jean Vanier, o homem procura ocupar o seu tempo para evitar entrar em relação e assim não se colocar numa situação em que pode ser abandonado ou rejeitado, diz-nos: “É melhor evitar qualquer relação que arriscar o sofrimento de um novo abandono. Temos que manter as distâncias. Temos medo de ser devorados pelo vazio do outro, pela sua necessidade de ser amados”⁵⁷.

Ao não partilhar a totalidade daquilo que é, o homem torna-se incapaz de entrar numa relação autêntica porque o seu coração permanece fechado, não quer mostrar a sua fragilidade e vulnerabilidade e, por isso, opta pelas relações superficiais pois estas não apresentam grandes riscos de abandono e sofrimento, mas não manifestam a totalidade daquilo que o homem é. Por isso mesmo o ser humano evita entrar em relações de amizade, pois como afirma Jean Vanier: “A amizade supõe um risco, mas viver não é arriscar? Não é a amizade uma força que nos é dada quando estamos bem de saúde mas acima de tudo quando nos tornamos vulneráveis e débeis?”⁵⁸.

Para fazer uma autêntica experiência de amizade o homem tem de correr o risco de se expor, de se mostrar vulnerável e frágil.

2.1.2. Medo do amor possessivo.

Jean Vanier diz-nos que ao longo anos acolheu pessoas que eram vítimas das suas mães angustiadas. Mães que fazem tudo pelos seus filhos, que pensam que são amorosas e dedicadas mas o que acontece de verdade é que destroem os seus filhos,

⁵⁶ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 75.

⁵⁷ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 77.

⁵⁸ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 78.

porque não são capazes de escutar os seus desejos e de os ajudar a progredir. Deste modo, não há uma experiência de verdadeira comunhão, mas antes uma experiência de amor possessivo, porque a verdadeira comunhão tem por base a confiança e a liberdade⁵⁹.

Quando uma pessoa passa por uma experiência de amor possessivo, os gestos e toques dos que os rodeiam, em vez de transmitirem à pessoa ferida segurança, ternura, conforto que são fonte de vida, convertem-se em toques ambíguos, possessivos, que não transmitem nem liberdade nem vida. Esta falsa comunhão que a pessoa ferida e vulnerável experimenta, vai fazer nascer dentro de si graves tensões, dando muitas vezes lugar a uma angústia que, de certo modo, é pior que a rejeição por parte do que as rodeia.

2.1.3. O medo da ilusão

Outro medo que leva a que nasça uma ferida relacional é o medo da ilusão ou o medo da falsa esperança que se cria face ao outro. O homem ao elaborar uma imagem dos outros, muitas vezes elabora uma imagem que não corresponde à realidade, e, quando surge a realidade, surge também a decepção que tem como consequência, na maioria dos casos, a rejeição. A imagem que temos dos outros, ou a imagem do que queremos que o outro fosse, impede a comunhão porque não corresponde à realidade do que o outro é. A comunhão verdadeira só existe quando aceitamos os outros tal qual eles são⁶⁰.

⁵⁹ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 63-64.

⁶⁰ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 83-84.

2.1.4. O medo do inimigo

Jean Vanier defende que os verdadeiros inimigos não são aqueles que podem ferir fisicamente com, por exemplo, uma arma, mas sim aqueles que, só pelo facto de estarem presentes, suscitam medo e bloqueiam, despertando sentimentos de vingança e aniquilamento, levando o homem a descobrir nele a capacidade de odiar e de fazer o mal.

Descobrir a nossa capacidade de odiar e fazer o mal é humilhante; tal humilhação torna-se ainda mais grave quando esses sentimentos são direccionados ao pobre e ao vulnerável, pois este deveria ser alguém que deveria suscitar em nós sentimentos de compaixão.

Contudo, esta humilhação tem também um lado positivo, pois leva a que o homem tome consciência que o verdadeiro inimigo se encontra dentro dele mesmo.

Afirma Jean Vanier:

“Ao mesmo tempo, esta humilhação é boa. Porque nos leva a tocar a nossa verdade, a nossa pobreza. E só a verdade pode tornar-nos livres. Só quando aceitamos ver e observar esse mundo perturbado que há em nós podemos começar a caminhar rumo à verdadeira liberdade”⁶¹.

2.1.5. O medo do pobre

Na sociedade atual, onde o tempo passa apressadamente, muitas vezes a desculpa que surge para não irmos ao encontro do pobre, do vulnerável e da pessoa

⁶¹ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 83.

ferida é que não temos tempo porque os nossos projetos estão em primeiro lugar, tal como acontece na parábola do bom samaritano⁶².

Para Jean Vanier isto não passa de uma desculpa porque, segundo ele, o verdadeiro impedimento para não ir ao encontro dos mais pobres não é o muito afazer, mas sim o medo de fracassar, de não sermos capazes de responder às suas necessidades. Dito de outra forma, não queremos entrar em relação com eles porque isto implicar-nos-ia e todos temos medo do fracasso. Escreve Jean Vanier: “Os meus medos tinham como base o medo de fracassar, de não a poder ajudar, ou, mais profundamente, se entrava em relação com ela e a escutava, despertaria necessidades nela para as quais não poderia dar resposta”⁶³.

Este mecanismo de defesa leva-nos a ignorar os pobres, os frágeis, os que são diferentes de nós visto que estes nos revelam a nossa situação interior. Agindo deste modo, não aceitamos as nossas limitações, a nossa vulnerabilidade e fragilidade o que leva a que uma parte de nós fique escondida. Este facto impede-nos de entrar em relação com os mais vulneráveis, nascendo, deste modo, uma ferida relacional.

⁶² Lc 10, 30-36. “Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, eixando- o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar’”.

⁶³ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 1995,79.

2.1.6. O medo do julgamento e o julgamento apressado

Jean Vanier, tendo como pano de fundo o texto de São Mateus⁶⁴, defende que o homem facilmente repara nos defeitos dos outros, que facilmente os julga, os critica e os rebaixa:

“É evidente que todos temos medo da aquele que, pela sua presença, pelas suas palavras, qualidades e atitudes nos revelam as nossas carências e, como consequência, nos desvaloriza aos nossos próprios olhos, fazendo-nos tocar nas nossas próprias feridas, despertando a nossa culpabilidade. E por tanto, devemos julgar essas pessoas, desvaloriza-las, afastar-nos delas, antes que sejamos julgados por elas!”⁶⁵.

Podemos dizer que ao agir deste modo, o homem espera um duplo efeito pois se, por um lado, deseja sentir-se superior aos outros, por outro, anseia por evitar ser julgado por eles.

O autor em estudo defende que muitas das relações que se estabelecem entre os seres humanos não são gratuitas, uma vez que, na maioria das vezes, quando um se aproxima do outro, nos quais reconhece qualidades que ele não detém é para lhe “roubar” essas qualidades. Ao proceder deste modo, o homem olha para o outro não como um ser semelhante a ele, mas como alguém que pode usar para seu próprio interesse. Abrindo, assim, uma ferida que o impede de amar e que dificulta a relação entre iguais⁶⁶.

Tendo em conta o que acima foi dito, poder-se-ia pensar que seria fácil para as pessoas ditas normais entrarem em relação com as pessoas frágeis, feridas e vulneráveis, o que não é verdade. Isto porque as pessoas feridas e vulneráveis manifestam aos fortes

⁶⁴ Lc 6, 41-42 “Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não reparas na trave que está na tua própria vista? Como podes dizer ao teu irmão: ‘Irmão, deixa-me tirar o argueiro da tua vista’, tu que não vês a trave que está na tua? Hipócrita, tira primeiro a trave da tua vista e, então, verás para tirar o argueiro da vista do teu irmão”.

⁶⁵ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 75.

⁶⁶ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 74.

e normais as suas próprias feridas e vulnerabilidades que eles têm dificuldade em reconhecer, e, por isso, a sua tendência emite um julgamento apressado sobre elas e afasta-as⁶⁷.

As pessoas portadoras de deficiência mental são facilmente julgadas pela sua aparência débil e pelo seu raciocínio apoucado. Contudo, elas ensinam-nos a amar sem julgamentos, ou melhor, ensinam-nos a amar com base no critério da verdade e da disponibilidade.

2.1.7. O medo da diferença

Nos dias que correm, há uma grande tendência para eliminar a diferença: todos temos de ser iguais. Existe como que um receio, um sentimento de medo do que é diferente. Para Jean Vanier, este medo é mais acentuado quando se fala das pessoas portadoras de deficiência mental: “O medo da diferença, medo de não saber como se comunicar, mas também medo desses mitos sobre as pessoas com deficiência, que sugerem que elas podem ser violentas, perigosas ou sexualmente perversas”⁶⁸.

Mais ainda, os mais vulneráveis, fracos, feridos, pobres e marginalizados são normalmente excluídos pela sociedade. Jean Vanier chega mesmo a afirmar que, para a sociedade contemporânea, só os mais fortes, poderosos e inteligentes são detentores de valor é que podem ser denominados de seres humanos:

“Uma sociedade que glorifica apenas os fortes, os inteligentes, os vencedores despreza, necessariamente, os que não conseguem alcançar uma autonomia plena. Uma sociedade deste tipo tende a afirmar que só é humano aquele que é poderoso”⁶⁹.

⁶⁷ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 1995, 75.

⁶⁸ Jean Vanier e Julia Kristeva. *Leur regard perce nos ombres*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2011, 22.

⁶⁹ Vanier, Jean. *Accueillir notre humanité*. Paris: Presses de la Renaissance 2010², 70.

Uma sociedade que se pauta por estes valores, tem muita dificuldade em aceitar a diferença e o diferente, diz-nos ele:

“Quando a nossa vida tem como valor de base os valores, do saber, do poder, e do reconhecimento social, torna-se difícil aceitar aqueles que tem valores diferentes dos nossos, isso destabiliza-nos. Os estigmas sociais sobre as pessoas portadoras de deficiência mental são profundos. A questão é sempre a mesma, mesmo se só esta presente implicitamente: se alguém não se pode tornar completamente autónomo e não vive os valores da sociedade, será verdadeiramente humano?”⁷⁰.

Assim, os fortes, os hábeis e os poderosos tendem a criar muros em torno de si mesmos porque os mais fracos e os vulneráveis, desinstalam os fortes, deitam as suas seguranças por terra e provocam, escreve Jean Vanier:

“Os muros que nós criamos em torno de nossos corações para evitar que os outros e, especialmente, o diferente entre em nós. Estas paredes sobem em mim, perante aquele que me incomoda, que ataca a minha liberdade, que me contradiz, que tem certezas ou compulsões diferentes das minhas. A parede entre as pessoas normais e as pessoas enfraquecidas (ter uma mão com apenas dois dedos ou anormalidade de cromossomos, ou dificuldade em falar ou audição) é semelhante à parede do muro que separa Israel da Palestina”⁷¹.

O medo da diferença pode ter como base o medo de não ser aceite pela sociedade em geral e, por vezes, até no seio da própria família e no círculo de amigos.

Afirma Jean Vanier:

“O homem ocidental contemporâneo é prisioneiro do medo de não ser aceite pela sociedade, ficando escravo da necessidade de ser aceite pela sociedade. E a sociedade em vez de ser um lugar de comunhão, de proteção onde os mais frágeis se podem sentir mais protegidos, passa a ser um lugar de exclusão, onde o ser humano se compara consigo mesmo, com os outros, para ver se correspondem aos padrões”⁷².

⁷⁰ Vanier, Jean. *Accueillir notre humanité*, 113.

⁷¹ Jean Vanier e Julia Kristeva. *Leur regard perce nos ombres*, 21.

⁷² Vanier, Jean. *De la fragilité jaillit la lumière, in La Fragilité, faiblesse ou richesse?*. Éditions Albin Michel, 2009, 107

Se a diferença é vista como algo que não insere as pessoas na sociedade os mais fracos, vulneráveis e pobres vão ser marginalizados, excluídos e muitas vezes, até, eliminados, tudo em busca de uma normalidade. Mas esta normalidade traz consigo vários perigos, sendo o mais gritante o da tirania, diz Jean Vanier:

“A normalidade fecha as pessoas dentro de si mesmas. Pode destruir a solidariedade, a capacidade de escutar os outros, de ver o diferente como uma pessoa importante. Esta normalidade, surge a maioria das vezes como necessária para viver, mas corremos o risco de nos tornarmos tiranos”⁷³.

O ser humano ao procurar desenfreadamente a normalidade evita foge da relação com os mais frágeis, que no dizer de Jean Vanier pode levar à sua erradicação:

“Em vez de entrarmos em relação com os frágeis, procuramos elimina-los, ou pelo menos afasta-los. Em vez de trabalharmos por uma sociedade onde se cuida e se ajudam uns aos outros e coexistam fracos e fortes, exige-se a excelência a todo o custo. E isto pode levar à eliminação dos mais fracos”⁷⁴.

Se as pessoas ditas normais conseguem esconder as suas diferenças, o mesmo já não se pode dizer das pessoas portadoras de deficiência mental uma vez que essas mesmas diferenças, na grande maioria das vezes, são notórias aos nossos olhos (modo de andar, modo de falar, corpo desfigurado, etc.). Contudo, não podemos esquecer que elas são pessoas que têm um coração; têm necessidade de amar e ser amadas, de agir segundo as suas possibilidades. Mas as suas formas de compreender, de comunicar e de amar são muito diferentes e por isso surge a necessidade de as compreender. Escreve a este respeito:

“As pessoas portadoras de deficiência mental, são como todas as outras. Cada pessoa é única e importante, independentemente da sua

⁷³ Vanier, Jean. De la fragilité jaillit la lumière, in *La Fragilité, faiblesse ou richesse?*, 108.

⁷⁴ Jean Vanier e Julia Kristeva. *Leur regard perce nos ombres*, 2011, 107.

cultura, religião, capacidades ou incapacidades. Todos fomos criados por Deus. Todos temos um coração vulnerável e desejamos ser amados e valorizados. Todos temos uma missão. Todos nascemos para que a obra de Deus se cumpra em nós. As pessoas portadoras de deficiência mental podem ter muitas desvantagens no que diz respeito às suas possibilidades de conhecimento e poder, mas no que diz respeito ao coração e ao amor muitas delas têm uma vantagem: necessitam de ajuda e pedem a gritos presença e amizade. De um modo misterioso parecem sempre abertas ao Deus do amor e ao amor de Deus”⁷⁵.

Talvez seja por este motivo que o primeiro encontro com pessoas portadoras de deficiência mental se afigure difícil, se não mesmo impossível, pois parece que o homem é apenas capaz de reconhecer as diferenças e não é capaz de olhar para o que lhe é comum, a humanidade.

Em jeito de conclusão destes pontos, podemos afirmar que o homem para se defender destas feridas através das quais faz uma experiência de falsa comunhão, vai criar em volta do seu coração um muro interior que lhe permite esconder os seus medos e fragilidades para poder continuar a fazer parte da sociedade competitiva, esquecendo, no entanto, o seu lado humano e relacional.

O convite que Jean Vanier propõe é que redescubramos o valor, o dom, o tesouro que são os mais marginalizados para a sociedade, e o modo como, ao contrário dos paradigmas sociais, através do seu corpo ferido, chagado e desfigurado podem revelar à humanidade a sua verdadeira dimensão humana, porque eles se detêm no essencial, diz-nos Jean Vanier: “As pessoas portadoras de deficiência mental, por vezes, são mais realistas do que os que estão presos a uma sociedade competitiva, que tem pouco tempo para as coisas que são essenciais”⁷⁶.

É este convite e este tesouro que tentaremos expor nos pontos seguintes.

⁷⁵ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 178.

⁷⁶ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 188.

2.2. Corpo vulnerável/ferido que cura

O lugar central da fé cristã é a Encarnação do Filho de Deus, por isso mesmo a tradição cristã evoca o corpo como o lugar de revelação e de caminho para Deus. Afirma Jean Vanier, tendo como pano de fundo o prólogo de S. João⁷⁷ (voltaremos a este texto um pouco mais adiante):

“A Palavra feita carne converte-se num novo caminho para os seres humanos precisamente porque Jesus se fez um de nós. O seu corpo é o corpo de Deus e dá sentido ao corpo de cada pessoa; todos quantos veem e tocam o seu corpo, entram em comunhão com Ele, veem e tocam a Deus. Este novo caminho para Deus não passa pela negação do nosso corpo, nem por uma luta para nos convertermos em espíritos puros; mas sim que encontremos a Deus através do nosso corpo e em tudo quanto é débil e esta partido em nós. Jesus mostra-nos um caminho simples para alcançarmos a união com Deus, um caminho de compaixão, amor, serviço e humildade que é válido para todos”⁷⁸.

Percebemos que, para Jean Vanier, o corpo frágil, ferido, debilitado constitui por um lado, um autêntico lugar onde Deus se manifesta e, por outro lado, um verdadeiro caminho através do qual se pode chegar até Deus.

Jean Vanier não hesita em afirmar que a encarnação de Jesus foi a expressão do Seu amor por nós: “o corpo de Jesus foi a expressão do seu amor. A sua ternura, bondade e os seus poderes terapêuticos saíram do seu corpo”⁷⁹. Para Jean Vanier, o corpo vulnerável, ferido, morto e ressuscitado de Jesus assume um lugar central, pois como ele mesmo afirma: “Jesus indica que a vida e o amor, a salvação e o perdão, brotam d’Ele através do seu corpo partido e ressuscitado”⁸⁰.

⁷⁷ Jo 1,14 “E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade”.

⁷⁸ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 262-263.

⁷⁹ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 224-225.

⁸⁰ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 74.

É este lugar teológico e este caminho para Deus do corpo frágil, ferido e vulnerável das pessoas portadoras de deficiência mental que nos propomos apresentar.

2.2.1. O corpo ferido/vulnerável lugar de encontro e comunicação.

Como mencionámos na breve introdução a este capítulo, é através do corpo, do corpo do Seu Filho, que Deus vem ao nosso encontro. O corpo de Jesus que foi um dia envolto em panos numa manjedoura, exprimiu afetos, viveu emoções, baixou-se para lavar os pés aos seus discípulos, caminhou e descansou, foi elevado e exposto na cruz e, que ao terminar a sua peregrinação sobre a terra, foi depositado num sepulcro novo, e em sua ressurreição se torna corpo de glória.

São João, no prólogo ao seu Evangelho⁸¹, escreve que o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Pegando nesta passagem, Jean Vanier afirma que todos somos frágeis e vulneráveis pois até o próprio Filho de Deus se fez vulnerável. Ao assumir a nossa carne, Jesus assume a debilidade e a fragilidade humana. Foi na fragilidade da carne humana que Deus quis vir ao nosso encontro, “escondendo” o Seu Filho dentro de um corpo humano. Não é mais um Deus distante que não experimenta a fragilidade, mas é um Deus que se torna frágil para vir ao nosso encontro⁸², a este respeito escreve Jean Vanier.

“A Palavra fez-se carne para nos permitir entrar em comunhão com Deus. Veio para eliminar o abismo que separa Deus dos seres humanos débeis e vulneráveis. Veio para viver no seio de Maria e morar em cada um de nós. Mas não veio só para morar em nós, mas também para atuar em e através de nós, para dar vida a outros em e através de nós”⁸³.

⁸¹ Veja-se o que já se disse a este respeito no ponto 1.2.

⁸² Vanier, Jean. *Jesus Vulnerável*. Braga: Editorial A.O., 2017, 11-12.

⁸³ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 273.

Para Jean Vanier é claro que só se pode partir ao encontro do outro, reconhecendo que há uma humanidade comum, que é frágil e débil e que o próprio Filho de Deus assumiu, para permitir que o homem entre em comunhão com Ele. Só partindo desta consciência da existência de uma humanidade comum, se pode partir ao encontro dos que são diferentes, dos que estão feridos e vulneráveis⁸⁴.

Jesus mostra-nos a maneira de nos aproximarmos das pessoas feridas e frágeis, do mesmo modo que Ele se aproximou da samaritana junto do poço⁸⁵. Escreve Jean Vanier:

“Jesus mostra-nos como nos devemos aproximar das pessoas vulneráveis e feridas: não como alguém superior, desde cima, mas sim com humildade, desde baixo, como um mendigo. Quem já está envergonhado de si mesmo não precisa de alguém que o faça sentir mais envergonhado, mas sim de que infunda nele a esperança e lhe revele que é valioso e único, precioso e importante. Aceitar e amar deste modo as pessoas feridas é a forma mais segura de ajuda-las a crescer. Disto são testemunhas as comunidades da Arca e Fé e luz, quando acolhem homens e mulheres portadores de deficiência mental que perderam toda a confiança e toda a autoestima em si mesmos. O que precisam para começar a crescer é de alguém que os aprecie, os afirme e os ame tal qual como são, com toda a sua debilidade e fragilidade”⁸⁶.

Este encontro destabiliza o sistema de valores e as convicções que a nossa sociedade transmite. Mas este encontro implica uma abertura para acolher a diferença, para acolher um irmão ou irmã em humanidade. Assim, quando nos aproximamos das pessoas portadoras de deficiência mental, indo para lá dos muros do medo e

⁸⁴ Veja-se a este respeito o que se disse no ponto 2.1.7.

⁸⁵ Jo 4, 1-7 “Quando Jesus soube que chegara aos ouvidos dos fariseus que Ele conseguia mais discípulos e batizava mais do que João - embora não fosse o próprio Jesus a baptizar, mas sim os seus discípulos - deixou a Judeia e voltou para a Galileia. Tinha de atravessar a Samaria. Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: «Dá-me de beber».

⁸⁶ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 98.

preconceitos, podemos tocar o coração, o delas e o nosso, pois despertam em nós os sentimentos de compaixão⁸⁷.

A primeira vez que se contempla a pessoa portadora de deficiência mental como outro semelhante a nós, começa-se a compreender os seus sofrimentos. Descobre-se que, apesar das diferenças, é pessoa, que tem um coração e uma sensibilidade. Para Jean Vanier este encontro tem algo de divino, afirma:

“O sacramento do pobre torna-se o sacramento do encontro. Esta experiência de transformação e autorrevelação não é uma transformação definitiva, mas um começo, um novo começo para o crescimento, para um amor verdadeiro. Eu encontrei uma presença de Deus na presença do outro. Este momento de comunhão partilhada não se explica e pode até parecer absurdo. Muitos assistentes do Arche e Fé e Luz veem a comunhão com uma pessoa portadora de deficiência mental como um apelo para continuar um caminho de crescimento no amor. Eles compreenderam que a sua visão hierárquica da sociedade, baseada nos critérios de normalidade, era falsa. A verdade não é o sucesso, a verdade está escondida dentro do coração dos fracos”⁸⁸.

“O «sacramento do encontro» torna Jesus presente. O encontro só acontece entre pessoas que acham iguais, capazes de confiar uma à outra e onde os dois se recebem como dom. O encontro revela ao outro o seu e isto implica escutar com todo o meu ser, onde eu renuncio envolve a ouvir com todo o meu ser”⁸⁹.

A partir deste encontro, que Jean Vanier chama de sacramento⁹⁰, os mecanismos de defesa parecem cair por terra, ainda que apenas por um momento. Ambos se

⁸⁷ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 208.

⁸⁸ Vanier, Jean. *Les signes des temps à la lumière de Vatican II*, 77.

⁸⁹ Vanier, Jean. *Les signes des temps à la lumière de Vatican II*, 35.

⁹⁰ Tendo em conta a definição de sacramento dada por S. Tomás de Aquino, consagrada pelo concílio de Terento, onde sacramento é definido como “sinal sagrado instituído por Cristo e que transmite a graça” (*signum sensibile efficax gratiae a Christo institutum*) e também se afirma que os sacramentos da igreja são sete: Batismo, Eucaristia, Confirmação; Unção dos Doentes, Matrimónio, Ordem e Reconciliação. (Denzinger, H.; Hünerman, P., *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral* (São Paulo: Paulinas - Edições Loyola 2007⁴⁰, 1601).

Podemos dizer que Jean Vanier, ao dizer que o encontro com o pobre é um sacramento vai um pouco longe de mais.

Mas se tivermos em conta a definição uma outra definição de sacramento que nos diz: “Os sacramentos são esses sinais que são no plano sacramental o prolongamento dos gestos de Jesus, do seu corpo, através dos quais Ele toca o homem e o cura e o salva” (Farias, José Jacinto Ferreira de. *A unção dos doentes: o sacramento do confronto e da consolação*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011).

encontram num estado de abertura e vulnerabilidade. Neste encontro existe algo que Jean Vanier denomina, de divino, de supra e infra racional, como uma presença de Deus. Descobrimos que não temos nada de externo para oferecer, a não ser o nosso coração, a nossa amizade, a nossa presença. E tudo isto decorre com poucas palavras, através de um olhar ou de um toque. É neste momento que se descobre que na pessoa débil existe uma luz que brilha, que ao escuta-la nos enriquecemos, que aprendemos algo mais sobre o ser humano e sobre Deus⁹¹. Escreve Jean Vanier a este respeito:

“Viver com os mais frágeis, humilhados, empurrados para as margens da sociedade é viver nesta casa de Deus. É viver com Jesus. Nós descobrimos cada vez mais que aqueles que são rejeitados pela sociedade por causa de sua fraqueza e da sua aparente inutilidade são realmente uma presença de Deus. Se nós os acolhemos, eles conduzem-nos gradualmente para fora do mundo da competição e da necessidade de fazer grandes coisas para nos levarem em direção a um mundo da comunicação dos corações, para uma vida simples e cheia de alegria onde fazemos coisas pequenas mas cheias de amor”⁹².

Uma das grandes dificuldades de viver com pessoas portadoras de deficiência mental é compreendê-las porque, como já dissemos anteriormente, a sua forma de exprimir é muito própria. Por isso é necessário que os assistentes se adaptem às suas capacidades e possibilidades reais, para não as tratarem nem como pessoas inválidas nem como pessoas que têm o pleno uso das suas capacidades. Isto exige que os assistentes passem tempo com elas e que as escutem, que as olhem, que as toquem⁹³.

Vejamos um relato que Jean Vanier nos apresenta de um homem com uma deficiência profunda, parálítico, sem poder falar, incapaz de andar ou de tratar de si

Sem querer alterar o pensamento do autor nem a doutrina da Igreja católica, podemos tentar perceber e até aceitar que o pobre e o encontro com o pobre sejam como que um sacramento, porque através do pobre e do encontro com ele, Cristo toca o homem e Lhe revela a sua humanidade e salvando-o do seu egoísmo e abrindo-lhe as portas para uma vida nova.

⁹¹ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 208-209.

⁹² Vanier, Jean. *Les signes des temps à la lumière de Vatican II*, 152.

⁹³ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 89.

mesmo, que passou por uma experiência em que se sentia profundamente compreendido, na sua linguagem não-verbal, e como reagiu quando tal deixou de acontecer:

“Um homem com uma deficiência profunda, parálítico, sem poder falar, incapaz de andar ou de tratar de si mesmo. Viveu durante trinta anos com a sua mãe, sendo esta a única que o compreendia. Decifrava cada um dos seus pequenos gritos e respondia com amor. Foi a única pessoa que lhe tocou durante trinta anos. Quando a mãe foi hospitalizada ele ficou perdido e sentiu-se angustiado por não haver ninguém que o compreendesse, e entrava em crises de angústia profunda que o faziam gritar sem cessar. O copo ficava tenso, ninguém se conseguia aproximar dele nem sequer tocar-lhe”⁹⁴.

Para que haja um verdadeiro encontro com as pessoas portadoras de deficiência mental, é preciso aprender a sua linguagem tanto verbal assim como não-verbal. Mas não se pode ficar por aqui, é preciso ir mais longe:

“A procura por uma melhor compreensão, como a procura pela verdade, não se faz unicamente através daquilo que aprendemos com os outros, especialmente dos nossos mestres, mas também se faz partir da nossa própria experiência. Precisamos de ouvir a realidade que vivemos através do nosso corpo; aprender a ter confiança nas nossas intuições, no que nos vemos, tocamos, ouvimos e aquilo que o nosso coração nos diz”⁹⁵.

Aos assistentes da Arca é pedido que aprendam a ler o rosto, os olhos, a atitude do corpo, o sofrimento, as angústias, os gestos de ternura, para que possam entrar num verdadeiro diálogo, que parte da linguagem não-verbal exterior para chegar à linguagem do amor⁹⁶.

Nas comunidades da Arca, a dimensão corpórea revela-se de grande importância. Dado que muitas pessoas portadoras de deficiência não se conseguem

⁹⁴ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 81.

⁹⁵ Vanier, Jean. *Accueillir notre humanité*, 41.

⁹⁶ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 50.

expressar através de palavras, a sua única forma de comunicação é através do seu corpo, da linguagem não-verbal. Para Jean Vanier é essencial que se dedique uma especial atenção à linguagem não-verbal das pessoas portadoras de deficiência mental, uma vez que, na maioria das vezes, elas expressam os seus desejos, a sua ira e os seus sofrimentos através do seu corpo e dos seus gritos, que precisam de ser compreendidos e atendidos⁹⁷. A este respeito escreve o autor:

“A linguagem verbal, exterior, é o começo, é absolutamente necessária; mas é preciso ir mais fundo e descobrir o que significa ouvir: ouvir profundamente o outro, ouvir o grito que emana do coração, a fim de entender as pessoas, tanto em sua dor como em seu dom; entender o que de facto perguntam, para que seja possível perceber a sua ferida, sua dor e tudo o que flui daí: violência, ira ou depressão, auto-concentração e exigências sem limites; presença sufocante de possuir, a recusa de renunciar; aceita isso com compaixão, sem julgar, sem condenar”⁹⁸.

Compreendemos, assim, que na maioria das vezes as pessoas portadoras de deficiência mental comunicam através do seu corpo e dos seus gestos. Ao contrário do que se possa pensar, também elas são capazes de verdadeiros encontros, desde que o ser humano seja capaz de se adaptar à sua forma de comunicar, que por ser diferente exige tempo e esforço. Assim a linguagem não-verbal assume uma grande preponderância nas comunidades da Arca, como nos diz Jean Vanier:

“Aprender a interpretar gritos e linguagem corporal - que revelam os desejos e necessidades que as crianças não podem nomear- exige muito tempo, atenção e sabedoria, e, muitas vezes, ajuda profissional. Esta compreensão é vital não só para as pessoas que tem dificuldades, mas para todos nós. No coração da comunicação está o amor”⁹⁹.

O que acontece é que muitas vezes não estamos disponíveis para aprendermos a comunicar com as pessoas portadoras de deficiência mental, o que leva a que estas se

⁹⁷ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 87.

⁹⁸ Vanier, Jean. *O corpo partido - Jornada para a totalidade*. São Paulo - Brazil: Loyola, 1988, 105.

⁹⁹ Vanier, Jean. *Accueillir notre humanité*, 39.

fechem em si mesmas, e que, na grande maioria das vezes, não suportem que lhes toquem. Isto porque tais toques não são fontes de um verdadeiro encontro, são toques sem compromisso, despojados de sentido e que não levam uma verdadeira comunhão. Como veremos um pouco mais adiante, é no toque e através do toque que estes encontros se convertem em comunhão.

Em jeito de resumo deste ponto, podemos dizer que só haverá uma verdadeira compreensão e um verdadeiro encontro com as pessoas portadoras de deficiência mental se partirmos da nossa humanidade comum, frágil e vulnerável e estivermos disponíveis a aprender a sua forma de comunicar, ou seja, se formos capazes de “escutar com atenção” a sua linguagem não-verbal. Tal como escreve Jean Vanier: “Não se pode receber e acolher os outros a não ser descobrindo que Jesus nos ama como nós somos, com as nossas pobreza e os nossos pecados. Somos chamados a amar como Ele mesmo amou”¹⁰⁰.

2.2.2. O corpo ferido/vulnerável como lugar comunhão.

Como foi possível verificar no ponto anterior, as pessoas portadoras de deficiência mental são, muitas vezes, marcadas por falsas experiências de comunhão, o que as leva a fecharem-se em próprias, surgindo, deste modo, novas feridas e novas barreiras. Neste ponto iremos ver como os corpos feridos das pessoas portadoras de deficiência mental são fundamento e causa de comunhão, com Deus e uns com os outros.

Para Jean Vanier a base da psicologia humana está assente em dois pilares que marcam o Homem profundamente: a comunhão e a confiança. Assim, quando nos

¹⁰⁰ Vanier, Jean. *Jesus Vulnerável*, 62.

dispomos a entrar em comunhão, temos, ao mesmo tempo, de nos dispor a ser vulneráveis, porque a comunhão verdadeira implica que nos demos a conhecer na totalidade¹⁰¹. Talvez, por isso, seja tão difícil, para cada um de nós, entrar em comunhão com os outros, porque todos já fomos feridos na nossa vida por falsos tipos de comunhão.

As pessoas portadoras de deficiência mental, tal como as crianças, comunicam, muitas vezes, com a linguagem do corpo. Através da linguagem corporal, podemos reconhecer a dor e a angústia através do seu rosto tenso todo retorcido, podemos também reconhecer a confiança e o amor através da forma de sua forma descontraída e pacífica de estar. Para muitas pessoas portadoras de deficiência mental, este modo de comunicar, através do seu corpo, não só é o privilegiado como também é o único. Não só por não poderem falar, mas também porque perderam a confiança nas palavras que lhe foram ditas que não implicaram um compromisso real e efetivo, fazendo nascer nelas uma ferida que as impede de acreditar¹⁰². E, deste modo, fecham-se à comunhão ou não se consideram dignos de entrarem em comunhão com os outros.

Para que se possam abrir de novo à comunhão é necessário que voltem a ter confiança nas pessoas que as rodeiam, que se sintam amadas para que não se sintam julgadas por serem diferentes. Afirmo Jean Vanier:

“Quando tal acontece, o seu corpo dilata-se, o rosto resplandece, os olhos brilham, as mãos agitam-se no amor. Sabe-se amada, por tanto é alguém; vive. Não está sozinha. Não precisa defender-se apesar da sua debilidade e pequenez. Está protegida porque é amada. Está segura, em paz. Pode viver e amar. Todo o seu ser está unificado e por isso está em comunhão”¹⁰³.

¹⁰¹ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 147.

¹⁰² Cf. Vanier, Jean. *O corpo partido - Jornada para a totalidad*, 106.

¹⁰³ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 55.

Para entrar em comunhão com as pessoas portadoras de deficiência mental, a linguagem mais importante é a linguagem não-verbal:

“Os gestos, o olhar, o tom de voz, a atitude do corpo. São estas coisas que revelam o interesse que se tem pelo outro, ou o desinteresse, o desprezo e a rejeição. Para os que tem deficiência no plano da linguagem verbal, o corpo converte-se em linguagem essencial. O grito, a violência, os gestos autodestrutivos; ou os gestos opostos, de ternura são meios de comunicação, são portadores de uma mensagem”¹⁰⁴.

Se todos nós ansiamos por uma autêntica comunhão com os outros, este anseio assume particular importância para as pessoas portadoras de deficiência mental, pois é através de experiências autênticas de comunhão que elas recuperam a confiança em si mesmas.

Poderíamos, então, dizer que, se não entramos em comunhão com as pessoas portadoras de deficiência mental, a razão assentará no facto de não sabermos comunicar com elas.

Jean Vanier diz-nos que o primeiro passo para entrar em comunhão com as pessoas portadoras de deficiência mental, não passa por discursos elaborados ou por fazer coisas por elas, mas, sim, pela presença junto delas que lhes demonstra que estamos felizes por estar junto delas, e que são amadas pelo que são¹⁰⁵.

Jean Vanier conta-nos o caso de Éric que ilustra bem este desejo de comunhão e como esta é manifestada através do seu corpo desfigurado e ferido. Éric era surdo, não andava e não podia alimentar-se sozinho; tinha uma profunda limitação intelectual. Eric tinha sido internado num hospital psiquiátrico quando tinha quatro anos de idade no

¹⁰⁴ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 50.

¹⁰⁵ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 54.

qual permaneceu durante doze anos até chegar à comunidade da Arca¹⁰⁶. Escreve Jean Vanier:

“Quando me chegava perto dele, ele tocava as minhas mãos ou os meus pés e depois começava a agarrar-se a mim com um grito de todo o seu ser, dando alarme para quem lhe tocava, para que alguém o ame. O seu grito era tão total, tão agressivo, que resultava insuportável escuta-lo, acolhe-lo. Como estava internado num hospital psiquiátrico, os cuidados não podiam ser exclusivamente para ele. Com o passar do tempo as suas angústias e agressividade foram aumentando até chegar ao ponto de serem insuportáveis quer para os que o rodeavam quer para ele. Não estava tranquilo, tinha gestos brucos, incontinência e dava gritos terríveis. Claramente, formava-se no seu interior, uma imagem ferida de si mesmo”¹⁰⁷.

Como Éric não ouvia nem via, a única forma de comunicar com ele era através do tato. Jean Vanier descobriu que o momento mais profundo de comunhão com Éric era no banho. Escreve Jean Vanier:

“Aí conseguia sentir a felicidade dele ao ser tocado e lavado. A única linguagem que Éric podia compreender era a da ternura através das mãos: uma linguagem de doçura, de segurança, mas também uma linguagem que, através do meu corpo e suas vibrações, lhe revelava precisamente que era digno de ser amado, quer era bom e que eu era muito feliz de estar com ele. Quando lhe tocava, recebia a ternura que queria dar-me. O corpo se constitui assim no fundamento e no instrumento da comunhão. A comunhão exige uma certa capacidade de escuta, mas esta torna-se visível através do olhar e do tacto. Assim, todo o corpo, pelo olhar e pelo escutar, se pode manifestar a alguém que é belo, que é inteligente, que é valioso, que é único”¹⁰⁸.

Como vemos, o corpo ferido de Éric é o fundamento e o instrumento de comunhão. Éric percebeu que o toque que recebia na Arca era diferente do toque que recebia no hospital onde esteve internado pois era um toque de alguém que estava

¹⁰⁶ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 47.

¹⁰⁷ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 47.

¹⁰⁸ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 48-49.

comprometido com ele, que o entendia, ou seja, era um toque de alguém que estava em comunhão com ele. Com esta experiência Jean Vanier retira a seguinte conclusão:

“Só poderemos experimentar verdadeiramente a comunhão se nos soubermos incondicional e gratuitamente amados por Deus, no barro e na pobreza radical de criaturas, nas nossas impotências e culpas. Quando nos sabemos amados deste modo, não temos necessidade de nos defendermos, porque somos amados e perdoados”¹⁰⁹.

Para Jean Vanier é claro que o fundamento da comunhão que existe entre pessoas portadoras de deficiência mental e os assistentes são os corpos feridos das pessoas com deficiência mental. Sem estes corpos feridos, a própria comunidade deixaria de fazer sentido. É ao entrar em comunhão intensa com as pessoas portadoras de deficiência mental que, muitas vezes, é revelado aos assistentes quem eles são na realidade¹¹⁰.

Em jeito de conclusão deste ponto, podemos dizer que os corpos feridos e desfigurados das pessoas com deficiência mental, são o fundamento e instrumento da comunhão com os assistentes e com Deus. Contudo, Jean Vanier chama a atenção que, para entrar em comunhão com as pessoas feridas e vulneráveis, é necessário que os assistentes se sintam incondicionalmente amados por Deus e que tenham consciência das suas limitações que, como veremos no ponto seguinte, levará a uma transformação no seu interior.

¹⁰⁹ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 237-238.

¹¹⁰ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 186.

2.2.3. O corpo ferido, a nova terra sagrada, que me transforma

Damos início a este ponto recorrendo a uma passagem bíblica na qual os discípulos fazem uma pergunta Jesus: “Os seus discípulos perguntaram-lhe, então: Rabi, quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele, ou os seus pais?”¹¹¹.

Comentando este texto Jean Vanier chama à atenção de que os falam deste cego como se ele não existisse, como se ele não fosse capaz de falar por si próprio, como se não importasse. Eles apenas se importam com a sua deficiência, escreve Jean Vanier:

“Vemos que falam sobre uma pessoa discapacitada mas que não entram em diálogo nem em relação com ela. É como se não fosse ninguém, como se não tivesse voz, nem esperanças nem necessidades próprias. Muitas vezes é assim que se tratam as pessoas portadoras de deficiência mental”¹¹².

Para Jean Vanier a pessoa portadora de deficiência mental é “um lugar sagrado”, capaz de ajudar os outros na sua transformação interior. Deste modo torna-se necessário combater o preconceito de que a deficiência é sinal de uma falta e que a exclusão é um castigo de Deus¹¹³

Em todas as suas obras que estudámos, Jean Vanier convida-nos a redescobrir Deus oculto nos mais vulneráveis. Como nos diz São Paulo “Mas o que há de louco no mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte”¹¹⁴ e ainda “Ele respondeu-me: «Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza»”¹¹⁵. Jean Vanier diz-nos isto mesmo por outras palavras:

¹¹² Jo 9, 2.

¹¹³ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 177.

¹¹⁴ Cf. Vanier, Jean. *Jesus Vulnerável*, 97-98.

¹¹⁵ I Cor 1, 27.

¹¹⁵ II Cor 12, 9.

“Nós temos a tendência de pensar que o ser humano tem capacidade para adquirir conhecimentos, poder e um estatuto social. Deste modo esquecemos o coração, porque é como se ele fosse um símbolo da fragilidade, um lugar de sentimentos e emoções subjetiva, ao invés de percebê-lo como uma fonte de vida, como uma força que pode eliminar o nosso egoísmo, que nos pode ajudar a crescer, que nos abre aos outros e nos revela a beleza fundamental da humanidade”¹¹⁶.

Para Jean Vanier as pessoas portadoras de deficiência mental ajudam a combater esta tendência social e a recentrar o homem no que é realmente importante, no coração e na vida relacional. Escreve Jean Vanier:

“As pessoas portadoras de deficiência sempre me trouxeram de volta para o que há de mais humano na humanidade: o coração, uma vida relacional cheia de alegria, o sofrimento, o grito pela verdade, justiça e o amor. Vivendo com eles, que descobri a sua beleza e sabedoria. A humanidade não pode ser reduzida à normalidade, nem a uma busca pelo desempenho ou elitismo. Viver humanamente, não é só superar as suas fragilidades, mas é também aceitá-las, acolhe-las e estar em constante diálogo com elas. Se o ser humano se aceita plenamente pode abrir-se e dar-se aos outros. O nosso coração pode fechar-se ou abrir-se aos outros, ao universo e ao universal. Abrir-se humildemente aos outros, livres de nós mesmos, constitui certamente um risco, mas é o risco que temos de correr para ser plenamente humanos”¹¹⁷.

Como vemos para Jean Vanier as pessoas portadoras de deficiência ajudam o homem a olhar para o que há de mais humano, o coração, e não para o ter ou o poder. E, conseqüentemente, a tornar-se ele próprio mais humano. Mas para que tal possa acontecer é necessário acolher verdadeiramente estas pessoas, é necessário acolher o seu dom¹¹⁸.

Por este motivo Jean Vanier acredita que todas as pessoas são importantes, independentemente das suas limitações, dificuldades, qualidades ou dons. Acredita há um sentido para a vida de cada um, mesmo que este sentido não seja claro. Acredita na

¹¹⁶ Vanier, Jean. *Accueillir notre humanité*, 114.

¹¹⁷ Vanier, Jean; Kristeva, Julia. *Leur regard perce nos ombres*, 200.

¹¹⁸ Vanier, Jean. *Accueillir notre humanité*, 124.

história sagada que cada pessoa é, na sua beleza e valor. Tal beleza, muitas vezes, oculta-se por detrás de aparência desfigurada dos homens e mulheres que estão na rua, na cadeia, presos às drogas, no álcool; nas portadoras de deficiência mental. Para ele cada um é importante, capaz de mudar, de evoluir, de se abrir um pouco mais, de responder ao amor, de responder a um encontro de comunhão. Sem esta confiança na pessoa humana, a sociedade corre o risco de não encontrar lugar para os mais débeis e por isso tende a elimina-los. A este respeito escreve:

“Queria transmitir esta fé na pessoa humana e nas suas capacidades de evoluir, pois sem ela as nossas sociedades correm o risco de converter-se em algo puramente competitivo e paternalista para com os mais vulneráveis, fechando-os em lugares assistenciais em vez de ajuda-los a porem-se de pé para se abrirem aos outros. Correm o risco de rejeitar os que incomodam e, por vezes, querer suprimi-los”¹¹⁹.

O ser-se portador de deficiência mental não define a pessoa, é um atributo da pessoa, só a pessoa pode ser portadora de deficiência mental. Por isso mais do que ser portador de deficiência mental, é-se pessoa e, por isso, digna de ser amada, respeitada, acolhida como qualquer outra. Muitas vezes o homem, porque inserido numa sociedade competitiva, recusa-se a olhar para o diferente, para a pessoa portadora de deficiência mental com um ser humano igual a ele.

A recusa de reconhecer a humanidade comum entre o homem normal e a pessoa portadora de deficiência mental, muitas vezes, deve-se ao facto de que as últimas lhes revelam as suas fragilidades, os seus medos e a sua vulnerabilidade. E por isso o homem tem medo, não quer assumir as suas fragilidades para não se tornar ele mesmo fraco, vulnerável e ferido. Mas ao agir deste modo o homem pode estar a desperdiçar a oportunidade para curar as suas feridas. Porque se é verdade que as pessoas portadoras

¹¹⁹ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 143.

de deficiência mental descobrem as feridas dos fortes, também é verdade que elas ajudam a curar essas mesmas feridas. Escreve Jean Vanier:

“A relação com a pessoa frágil e pobre não é só um lugar de transformação desta pessoa, mas é também a partir daí que os fortes começam a acolher as suas próprias fragilidades e começam a tornar-se mais humanos. [...] ao acolher a parte frágil e a parte forte que existe em nós, tronamo-nos mas humanos”¹²⁰.

Jean Vanier apresenta, em quase todas as obras que estudámos, o caso de Vicente que quando nasceu era uma criança bonita quando nasceu, mas aos dezasseis anos, tem uma deficiência mental profunda. Através da sua fragilidade e deficiência, Vicente transformou o coração dos seus pais. Na obra *Cada pessoa é uma história sagrada*, podemos ler:

“Era uma criança bonita quando nasceu, mas, aos seis meses, teve uma grande febre que provocou convulsões. Hoje, aos dezasseis anos, tem uma deficiência mental profunda. Não pode falar, nem andar, nem comer sozinho. É totalmente dependente. Apenas se consegue comunicar através do tato. A minha mulher e eu sofremos muito. Pedimos a Deus que curasse o nosso pequeno Vicente. E Deus escutou as nossas orações, mas não da forma que esperávamos. Não curou o nosso Vicente, mas mudou os nossos corações; concedeu-nos a mim e à minha mulher a alegria e a paz de ter um filho como ele”¹²¹.

A decepção é a causa da maioria dos nossos sofrimentos, pois esperávamos algo que julgávamos que nos traria felicidade e tal nunca se verificou. Tal como os pais de Vicente que apenas olhavam fixamente para a doença do seu filho e não eram capazes de ver o dom que ele era.

¹²⁰ Vanier, Jean. *De la fragilité jaillit la lumière*, in *La Fragilité, faiblesse ou richesse?*, 120.

¹²¹ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 161-162

Os pais de Vicente pediam a cura para o seu filho, mas na verdade eles é que foram curados interiormente. Ao escutarem, contemplarem e tocarem o corpo ferido do seu filho foram sendo transformados no seu interior.

Por vezes desejamos que aqueles que estão doentes melhorem, tal como aconteceu com os pais de Vicente, mas muitas vezes não podemos fazer nada mais do que acompanhá-los até à sua partida, ou seja, estar com essa pessoa à medida que se vai tornando cada vez mais frágil e debilitada, cada vez mais ferida e vulnerável. Manifestando-lhe a ternura, através do nosso modo de olhar, de tocar ou de falar. Transmitindo-lhe segurança e revelando-lhe a sua beleza no meio de tanta fragilidade¹²².

A cura interior começa quando deixamos de procurar constantemente o poder, a segurança, a alegria, o ter razão, o possuir e quando deixamos de rejeitar certas pessoas ou grupos de pessoas. A cura interior dá-se quando não temos medo de derrubar as barreiras psicológicas que criamos para ocultar a debilidade, a culpabilidade, a vulnerabilidade e as feridas¹²³.

Estamos acostumados a que o débil precise do forte, e isto é verdade. Mas também é verdade que o forte precisa do débil ou vulnerável. A verdadeira cura interior acontece quando o forte toma consciência que precisa do vulnerável, porque este desperta e revela-lhe o seu coração; desperta energias de ternura e compaixão, de bondade e comunhão.

Muitas vezes as pessoas normais tendem a envolver-se em demasiados projetos, a serem demasiado ativos na sociedade e tornando-se, por vezes, rígidos, rudes, e pouco sensíveis mas quando são tocados pela vulnerabilidade, pelos corpos feridos e desfigurados de alguém que lhes é próximo convertem-se.

¹²² Cf. Vanier, Jean. *Jesus Vulnerável*, 18-19.

¹²³ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 207- 208

Não queremos com isto dizer que tudo o que fazem seja mau, ou que sejam homens maus. O que queremos dizer é que ao entrarem em comunhão com as pessoas feridas e vulneráveis começam a desenvolver sentimentos de ternura, a desenvolver a capacidade de escutar e a procurar compreender a pessoa vulnerável. A ternura manifesta-se no tom de voz, na forma de tocar. A ternura é humilde, respeitadora, é um escutar e um tocar que suscitam e despertam as energias do coração e do corpo do outro, transmite vida e liberdade¹²⁴.

Acolhendo a pessoa marcada pela fragilidade e debilidade, o forte começa a acolher a sua própria debilidade, começa a conhecer-se melhor e deste modo vive mais livre e mais feliz. O forte descobre também que também tem direito a falhar e a ser frágil, que não precisa, nem pode, ser sempre forte. Dizendo de outro modo o forte descobre que também pode ser vulnerável, que pode ser ele mesmo. Tal descoberta leva a uma verdadeira transformação interior que traz consigo muitas mortes interiores, sofrimentos e momentos de revolta. Tal transformação leva a que o forte descubra a sua verdadeira humanidade e uma liberdade interior profunda.

A transformação dos fortes tem lugar eles reconhecem que também eles estão feridos, doentes do coração e de vida relacional; quando tomam consciência das sombras que habitam o seu interior. Tal revelação acontece, muitas vezes, quando entram em comunhão com a pessoa portadora de deficiência mental e de modo muito especial quando tocam os seus corpos e as suas histórias feridas¹²⁵.

Isto também acontece com os assistentes. Também eles têm esta necessidade de se encontrar com a sua fragilidade e com os seus medos para poderem entrar em relação com as pessoas portadoras de deficiência. Ao sentirem-se amados, na verdade daquilo

¹²⁴ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 210-211.

¹²⁵ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 220.

que são, pelas pessoas portadoras de deficiência descobrem que também eles podem ser frágeis e vulneráveis. Escreve Jean Vanier:

“Os assistentes chegam atualmente de uma sociedade em que impera a tirania da moralidade: é preciso ser forte, grande, importante, respeitável, carregado de diplomas, etc. Então, tem-se medo de se descobrir vulnerável e frágil. Na Arca descobre-se que se tem o direito a ser frágil, de enfraquecer. Mas para o aceitar, precisamos de ser amados”¹²⁶.

Ao fazerem a experiência de se sentirem amados incondicionalmente, mesmo na sua fragilidade os assistentes vão descobrindo a sua vocação e por isso uns optam por continuarem ao serviço das pessoas portadoras de deficiência mental mas outros optam por sair. Independentemente da escolha a verdade é que todos eles saem transformados. Afirma a este respeito Jean Vanier:

“Alguns assistentes chamam à Arca por se sentirem chamados por Deus a viver em aliança com as pessoas. Outros para viver uma experiência mais ou menos longa e dar um sentido à sua vida. Pouco a pouco descobrem o mundo da ternura e da fé no Evangelho; os seus corações comovem-se. Deixam a Arca transformados para continuar o seu caminho por outro lugar. Os que têm vocação de viver na Arca descobrem nas pessoas com deficiência uma fonte de vida, um tesouro de ternura”¹²⁷.

Na sociedade contemporânea existe um medo do encontro com o vulnerável, porque isto pode levar a que também os fortes se tornem vulneráveis e amigos dos vulneráveis. Quando se entra em relação com eles, a vida é transformada e as prioridades passam a ser outras: gastar tempo com eles, e a acolhe-los verdadeiramente no nosso interior. Jean Vanier conta-nos a motivação pela qual fundou as comunidades e no que elas depois se tornaram:

¹²⁶ Vanier, Jean. *Jesus Vulnerável*, 2017, 20.

¹²⁷ Vanier, Jean. *Amar hasta el extremo*. Madrid: PPC, 1997, 73.

“Devo dizer que a minha vida na “Arca” me transformou. Quando fundei a Arca, fi-lo para ser bom e fazer bem as pessoas portadoras de deficiência mental. Não sabia o quanto bem iam a fazer-me essas pessoas! Em certa ocasião disse-me um bispo: As comunidades da Arca foram uma revolução copernicana: até agora, dizíamos que devíamos fazer bem aos pobres. Mas agora vocês dizem que são os pobres que nos fazem bem a nós. Na verdade, as pessoas a quem curamos curam-nos a nós, mesmo sem estarem conscientes disso. Chama-nos a amar e a despertar dentro de nós o mais precioso que há: a compaixão”¹²⁸.

Os assistentes ao tocarem os corpos feridos e vulneráveis das pessoas portadoras de deficiência mental adentram-se no mais íntimo destas pessoas, no seu sofrimento, no seu grito de comunhão e são levados por novos caminhos, superando as barreiras que existiam envolta dos corações, descobrem o tesouro que dá sentido as suas vidas.

Escreve Jean Vanier:

“Os assistentes ficam muito tempo na Arca por causa do prazer que está enraizado neles. Eles não descobrem nenhuma utopia, mas sim um apelo, um tesouro que dá sentido à sua vida, às suas lutas. Nós, seres humanos somos feitos para o encontro, o encontro é um fim em si mesmo, não para cada um mostrar a sua força ou grandeza (amizade útil ou reunião que é lisonja mútua). Um verdadeiro encontro, dá-se quando olho nos olhos do outro, quando os corpos se tocam reverentemente, quando entendemos o som da sua voz. Quando temos encontros assim, descobrimos que os muros que nos separam das pessoas diferentes começam a desintegrar-se e a dar lugar a um desejo de comunhão”¹²⁹.

Ao tornarem-se amigos das pessoas portadoras de deficiência mental correm o risco de começar uma nova etapa da sua vida. Ao fazerem a experiência do dom, da beleza, e do tesouro que são as pessoas portadoras de deficiência mental, sentem-se ofendidos e consternados pela lei que permite o aborto de crianças portadoras de deficiência, que até então se via como uma solução de um problema.

¹²⁸ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 179.

¹²⁹ Vanier, Jean; Kristeva, Julia. *Leur regard perce nos ombres*, 2011, 26.

A partir do primeiro encontro com a pessoa marcada pela fragilidade, redescobre-se a beleza do ser humano, a beleza da humanidade fora de todas as hierarquias de raça, sexo, religião, classe social, nacionalidade, força, inteligência etc. a única hierarquia que existe é a do coração, a hierarquia do amor¹³⁰.

2.2.4. O ministério da fragilidade como caminho para Deus.

É esta mesma hierarquia do amor que Jesus nos vem apresentar, como víamos no ponto anterior, como caminho para Deus, de um Deus que se fez frágil e vulnerável para nos mostrar o seu amor. Jean Vanier diz-nos que Jesus apenas o título de Rei, quando se encontra numa situação de fragilidade e vulnerabilidade¹³¹. Que não aceitou este título quando as multidões o queriam fazer Rei¹³² à maneira humana, mas que só se reconhece como tal quando se encontra preso, sem poder. Mostrando-se deste modo um Rei frágil e vulnerável:

“Quando Jesus realizou o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, a multidão queria fazê-lo rei, mas Ele escapou. Jesus não veio para exercer um poder temporal e social, mas sim a revelar a verdade do Deus do amor e do amor de Deus. Só agora, quando está manietado, aceita o título de Rei. É um rei preso, um rei vulnerável, um rei sem

¹³⁰ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 217.

¹³¹ Jo 18, 33-37 “Pilatos entrou de novo no edifício da sede, chamou Jesus e perguntou-lhe: «Tu és rei dos judeus?» Respondeu-lhe Jesus: «Tu perguntas isso por ti mesmo, ou porque outros to disseram de mim?» Pilatos replicou: «Serei eu, porventura, judeu? A tua gente e os sumos sacerdotes é que te entregaram a mim! Que fizeste?»³⁶ Jesus respondeu: «A minha realeza não é deste mundo; se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que Eu não fosse entregue às autoridades judaicas; portanto, o meu reino não é de cá.» Disse-lhe Pilatos: «Logo, Tu és rei!» Respondeu-lhe Jesus: «É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz.»

¹³² Jo 6, 11-15. “Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados, tal como os peixes, e eles comeram quanto quiseram. Quando se saciaram, disse aos seus discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca». Recolheram-nos, então, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada que sobejaram aos que tinham estado a comer. Aquela gente, ao ver o sinal milagroso que Jesus tinha feito, dizia: «Este é realmente o Profeta que devia vir ao mundo!» Por isso, Jesus, sabendo que viriam arrebatá-lo para o fazerem rei, retirou-se de novo, sozinho, para o monte”.

poder terreno. Mas é ao mesmo tempo o rei do amor, que deseja comunicar o seu amor através da sua debilidade e vulnerabilidade”¹³³.

O que acontece é que a nossa sociedade não há lugar nem para a humildade nem para a vulnerabilidade, porque todos procuram ser reis. Assim este Deus que não aceita a glória do mundo não tem lugar na nossa sociedade e por isso se mostra tão difícil de se encontrar. Afirmo Jean Vanier:

“Em vez de nos voltar para Deus humilde, escondido e vulnerável, preferimos lutar pela glória e honra que desce conosco para a terra do cemitério. Este Deus humilde está escondido na região mais profunda e mais íntima dos nossos corações. Ele revela-se como uma respiração frágil, uma voz dentro da nossa consciência humana. É esta consciência que nos liga a todos os outros seres humanos”¹³⁴.

Para Jean Vanier torna-se claro que só podemos servir e acolher verdadeiramente os mais fracos e vulneráveis se reconhecermos que neles se esconde Jesus. Ao servi-los e ao reconhecer a presença de Jesus oculta neles, podemos acolher as nossas próprias debilidades e fragilidades sem medos nem reservas. A este respeito escreve Jean Vanier:

“Servir quem é diferente de nós, as pessoas débeis e frágeis nas quais Jesus se esconde. É a via que Jesus nos mostra para acolher a nossa vulnerabilidade, reconhecermos a d’Ele e colocarmo-nos ao serviço dos mais vulneráveis, para os ajudar a erguer-se”¹³⁵.

Jean Vanier diz-nos que ao viver, dia-a-dia, com as pessoas portadoras de deficiência mental de forma simples e descomplicada, onde cada um pode ser na

¹³³ Vanier, Jean. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*, 320.

¹³⁴ Vanier, Jean; Kristeva, Julia. *Leur regard perce nos ombres*, 27.

¹³⁵ Vanier, Jean. *Jesus Vulnerável*, 47.

verdade daquilo que é, que tanto os assistentes como as pessoas portadoras de deficiência mental descobrem ao presença de Deus e do seu verdadeiro valor¹³⁶.

Vejamos como António que não consegue nem andar, nem falar, nem comer sozinho, mas que mostra, através do seu corpo desfigurado e retorcido o rosto de Deus:

“Na nossa comunidade acolhemos o António, que tem vinte e cinco anos, o seu corpo é pequeno, está ferido e completamente retorcido. Não pode andar, nem falar, nem comer sozinho. Fisicamente é débil e corre perigo de não viver muito tempo. Mas, António, é ao mesmo tempo um raio de sol. Quando alguém se aproxima dele e o chama pelo seu nome, os seus olhos brilham de confiança e todo ele sorri. A sua pequenez, a sua confiança, e a sua beleza atraem os corações, nasce em nós uma vontade enorme de estar junto dele. O pobre chateia mas também desperta o coração. Evidentemente que o António nos incómoda, é tão pobre, necessita de apoio competente e constante tanto de dia como de noite. Precisa que esteja sempre alguém ao seu lado. Mas desperta o coração dos assistentes; transforma-os e fá-los descobrir uma nova dimensão da humanidade. Introdu-los não num mundo de ação e de competitividade mas sim num mundo de contemplação, ternura, e presença. António não pede dinheiro, nem conhecimentos, nem poder, nem um cargo ou reconhecimento; o que ele pede é essencialmente comunicação e ternura. Talvez nos manifeste deste modo o rosto de Deus, de um Deus que não resolve todos os nossos problemas à base da força e de um poder extraordinário; mas um Deus que mendiga pelos nossos corações, que nos chama à comunhão”¹³⁷.

Compreendemos assim que o mistério da vulnerabilidade ocupa o lugar central das comunidades da Arca. Uma vez que são os mais débeis, vulneráveis e feridos que ajudam os assistentes a descobrir quem são de verdade. É através deste encontro com os frágeis e vulneráveis que os assistentes vão descobrindo quem são de verdade, não pelo que fazem ou pelo que não fazem, mas pelo que de verdade são e assim vão-se descobrindo amados por Deus e pelos outros¹³⁸.

¹³⁶ Vanier, Jean. *Les signes des temps à la lumière de Vatican II*, 154.

¹³⁷ Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 212-213.

¹³⁸ Cf. Vanier, Jean. *Jesus Vulnerável*, 107.

Ao descobrir a beleza e a luz ocultas na pessoa vulnerável/ ferida, o forte começa a descobrir a beleza e a luz da sua própria debilidade. Descobre a debilidade como o lugar privilegiado do amor e da comunhão, o lugar privilegiado onde habita Deus. Encontra-se com o Deus oculto na debilidade e fragilidade¹³⁹.

É para anunciar um Deus débil que Jesus chama os seus discípulos. Um Deus que é escândalo, um Deus louco segundo os critérios humanos, que se esconde nos mais vulneráveis¹⁴⁰.

Uma primeira conclusão que podemos retirar deste ponto é a de que as comunidades da Arca, ao contrário do que se poderia pensar, não são só lugares onde se acolhem pessoas frágeis para as ajudar a estarem bem e vivas. Mas que são autênticas escolas de amor para todos, lugares onde se aprende a amar. Aprender a amar significa aprender a acolher o que nós somos, com os nossos desejos, a nossa fé, mas também com as nossas dificuldades, com as nossas feridas e vulnerabilidades. Ora, através dos encontros e da vida quotidiana, os assistentes descobrem bastante depressa a sua vulnerabilidade¹⁴¹. E isto é verdade tanto para os assistentes como para as pessoas portadoras de deficiência mental.

A segunda conclusão que se nos apraz apresentar, e tendo em conta a história de Vicente, é a de que "Jesus não vem suprimir o sofrimento. Ele veio dar-nos uma força nova para carregar o sofrimento, o nosso e dos outros, para levar a nossa vulnerabilidade e a dos outros"¹⁴². No mistério Pascal de Jesus aprendemos que ser vulnerável é um dom.

¹³⁹ Cf. Vanier, Jean. *Cada persona es una historia sagrada*, 211.

¹⁴⁰ Cf. Vanier, Jean. *Amar hasta el extremo*, 108.

¹⁴¹ Vanier, Jean. *Jesus Vulnerável*, 15.

¹⁴² Vanier, Jean. *Jesus Vulnerável*, 29.

E, finalmente, uma terceira conclusão é a de que ao viver com as pessoas portadoras de deficiência mental, os assistentes ao tocarem os seus corpos feridos e vulneráveis tocam a sua própria vulnerabilidade e vão, pouco a pouco, sendo transformados e curados interiormente. Mais ainda vão experimentando que ao tocarem os corpos feridos e vulneráveis das pessoas portadoras de deficiência mental tocam o próprio Corpo do Senhor Jesus. Ou seja as pessoas portadoras de deficiência mental, revelam aos assistentes o Deus oculto nos seus corpos, ao mesmo tempo que lhes revelam e ajudam a integrar a sua própria vulnerabilidade.

CONCLUSÃO

Jean Vanier é um homem que conseguiu ver para além das aparências e que não se contenta por ser mais um na sociedade. Pois alguém que nasce no seio de uma família bem colocada na sociedade, que opta por uma carreira militar da qual desiste para seguir Jesus mais de perto e por isso se dedica ao estudo da filosofia e posteriormente da teologia, deixa tudo para viver de forma simples com aqueles que ele considera os mais marginalizados da sociedade, as pessoas portadoras de deficiência mental.

Jean Vanier ao contemplar as pessoas portadoras de deficiência mental, marcadas pela fragilidade e muitas vezes pela rejeição, conseguiu ver nelas os valores do coração, a simplicidade e a verdade. É graças a esta visão profunda, que Jean Vanier vai fundar as comunidades da Arca. Como vimos, no primeiro encontro de Jean Vanier com as pessoas portadoras de deficiência mental ele descobre que a maior parte destas pessoas que se encontram institucionalizadas demonstravam uma extrema carência de amizade e de vida afetiva, que se manifestava através dos seus corpos. É deste encontro que nasce o desejo de fazer algo por estas pessoas muitas vezes vítimas de abandono, injustiças, rejeição e incompreensão.

É para aliviar este sofrimento que surgem as comunidades da Arca, comunidades onde quem está no centro não é quem é mais produtivo ou mais competitivo mas sim a pessoa ferida, vulnerável, a pessoa portadora de deficiência mental. Estas comunidades pretendem ser oferecer às pessoas portadoras de deficiência mental, uma família e um lugar onde elas possam crescer em todas as dimensões. As comunidades são lugares cheios de felicidade, onde se reza e se faz festa, mas acima de tudo onde se vive uma

aliança de amor e ternura entre fortes (assistentes e amigos) e frágeis (pessoas portadoras de deficiência mental, onde ambos tem pleno direito de cidadania¹⁴³).

O próprio nome que Jean Vanier escolheu para denominar este projeto, A Arca ou L'Arch, reflete plenamente aquilo que estas comunidades pretendem ser, um sinal de esperança e salvação (porque pretendem levar “a bordo” as pessoas com deficiência mental, que rapidamente se afogariam na sociedade competitiva, para lhes revelar a dignidade e “utilidade”) e um sinal profético para o nosso mundo.

Para Jean Vanier é evidente que as comunidades da Arca não são só obra sua, mas que foram suscitadas pelo Espírito Santo, através do seu mestre espiritual, o Padre Thomas. E que a missão das comunidades é revelar à sociedade que o essencial é o amor e que Deus escolheu manifestar-se de forma peculiar através das fraquezas, da simplicidade e do coração das pessoas portadoras de deficiência mental.

Podemos dizer que a espiritualidade da Arca é uma espiritualidade de comunhão entre assistentes e amigos com as pessoas portadoras de deficiência mental. Onde o específico é a aliança de amor que une todos os que nela vivem. Sendo que este vínculo passa pela comunhão dos corações através da mediação do corpo.

As comunidades criadas por Jean Vanier visam contrariar a tendência natural em criar comunidades constituídas apenas pelos mais fortes, onde os mais fracos não encontram lugar. Nestas comunidades, todos têm o seu lugar único e insubstituível. Por outras palavras o que as comunidades da Arca pretendem fazer é proporcionar às pessoas portadoras de deficiência um lar, uma família, onde os seus direitos sejam protegidos, onde se sintam amados, descubram as suas potencialidades, capacidades e encontrem o seu lugar na sociedade.

¹⁴³ Cf. Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*, 2009, 113.

BIBLIOGRAFIA

http://jean-vanier.org/es/sus_compromisos/las_fundaciones. s.d. 24 de Agosto de 2016.

<http://jean-vanier.org/es/sus_compromisos/las_fundaciones>.

Vanier, Jean e Kristeva, Julia. *Leur regard perce nos ombres*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2011.

Mathieu, Marie-Hélène e Jean Vanier. *Antes de tudo o Abraço*. Prior Velho: Paulinas, 2012.

Vanier, Jean. *A comunidade lugar do perdão e de festa*. 2. Lisboa: Paulistas, 1986.

—. *A espiritualidade da Arca - uma presença que se revela no dia-a-dia*. São Paulo: Paulinas, 1997.

—. *A história da Arca - descoberta de novas comunidades*. São Paulo: Paulinas, 1997.

—. *Acceder al misterio de Jesús a través del Evangelio de Juan*. Cantabria: Sal Terrae, 2005.

—. *Cada persona es una historia sagrada*. Madrid: PPC, 1995.

—. *Ele os criou homem e mulher - para uma vida de amor autêntico*. São Paulo: Paulinas, 1987.

—. *Les Signes des temps à la lumière de Vatican II*. Paris: Albin Michel, 2012.

—. *O corpo todo partido - Jornada para a totalidade*. São Paulo - Brazil: Loyola, 1988.

Whitney-Brown, Carolyn. *Escritos esenciales de Jean Vanier*. Cantabria: Sal Terrae, 2009.

Farias, José Jacinto Ferreira de. *A unção dos doentes: o sacramento do confronto e da consolação*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

Denzinger, H.; Hünerman, P., *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral* (São Paulo: Paulinas - Edições Loyola 2007⁴⁰).

ÍNDICE

RESUMO/ABSTRACT	3
INTRODUÇÃO	4
I. CAPÍTULO: JEAN VANIER, VIDA E OBRA	7
1.1. Jean Vanier	7
1.1.1 Infância	7
1.1.2. Vida Militar	9
1.1.3 Estudos e primeiros contactos com as pessoas com deficiência	10
1.2. L'Arch	13
1.2.1. O impulso	13
1.2.2. A primeira comunidade	14
1.2.3. O nome, a oração e a espiritualidade (comunitária) da Arca	17
1.2.3.1. O Nome	17
1.2.3.2. Oração e a vocação ecuménica das comunidades	18
1.2.3.3. Espiritualidade	20
1.2.3.4 A comunidade	23
1.3. A expansão	25
1.4. Objetivos, princípios e missão das comunidades da Arca	28
II. CAPÍTULO: A FERIDA DO MEDO E O CORPO VULNERÁVEL QUE CURA. 30	
2.1. “A ferida do medo”	31

2.1.1. Medo de abrir os corações.	31
2.1.2. Medo do amor possessivo.	32
2.1.3. O medo da ilusão.....	33
2.1.4. O medo do inimigo.....	34
2.1.5. O medo do pobre	34
2.1.6. O medo do julgamento e o julgamento apressado.....	36
2.1.7. O medo da diferença	37
2.2. Corpo vulnerável/ferido que cura.....	41
2.2.1. O corpo ferido/vulnerável lugar de encontro e comunicação.	42
2.2.2. O corpo ferido/vulnerável como lugar comunhão.	48
2.2.3. O corpo ferido, a nova terra sagrada, que me transforma.....	53
2.2.4. O ministério da fragilidade como caminho para Deus.....	61
CONCLUSÃO	66
BIBLIOGRAFIA.....	68